

Roberta Borghetti Alves

**“LAR DOCE LAR”:  
APEGO AO LUGAR EM ÁREA DE RISCO DIANTE DE  
DESASTRES NATURAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Ariane Kuhn

Florianópolis,  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alves, Roberta Borghetti

Lar doce lar : Apego ao lugar em área de risco diante  
de desastres naturais / Roberta Borghetti Alves ;  
orientadora, Ariane Kuhnen - Florianópolis, SC, 2014.  
111 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

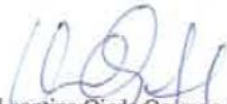
1. Psicologia. 2. Psicologia Ambiental. 3. Desastres  
naturais. 4. Área de risco. 5. Apego ao lugar. I. Kuhnen,  
Ariane. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Roberta Borghetti Alves


**“LAR DOCE LAR”:  
APEGO AO LUGAR EM ÁREA DE RISCO DIANTE DE  
DESASTRES NATURAIS**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 13 de Fevereiro de 2014.



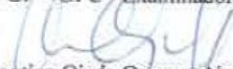
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Ariane Kuhnen  
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim  
(PPGP - UFC - Examinadora)



Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Noré  
(PPGP - UFSC - Examinadora)

Dr. Roberto Moraes Cruz  
(PPGP - UFSC - Suplente)



## AGRADECIMENTOS

À Deus, por sempre me iluminar e me proteger nas incansáveis viagens à UFSC.

À minha família, por me apoiar e me compreender nos momentos em que me ausentei para escrever a dissertação. Amo muito vocês. Sou grata por tudo que fizeram por mim.

Ao meu namorado João Rodrigo, por me incentivar a buscar o mestrado, por me apoiar e estar sempre ao meu lado. Por ser um ótimo namorado e um grande amigo e companheiro. Te amo.

Aos meus amigos Maiara, Natália e Gabriel, que me acompanharam desde a graduação e estão comigo até hoje na pós-graduação. Para mim é um prazer tê-los como colegas.

Aos meus colegas da pós-graduação, pelas conversas, aprendizados e sugestões de melhoria, as quais foram cruciais para o enriquecimento do meu trabalho.

À minha querida orientadora, por acreditar em mim e me incentivar a buscar sempre melhorar minha dissertação. Agradeço pelas experiências que tive contigo, elas contribuíram muito para meu aprendizado pessoal e profissional.

Às minhas colegas de laboratório – LAPAM, pelos diálogos, reuniões, grupo de pesquisa e contribuições para o aprimoramento da minha dissertação. Agradeço em especial à Márcia, por quem pude desenvolver uma grande amizade, por sempre estar por perto mesmo que longe, pelas palavras de incentivo e carinho.

Aos professores da pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, que contribuíram para o meu aprendizado. Sou muito grata a vocês, pois as aulas foram essenciais para compreensão e escrita do meu trabalho.

Agradeço também a Pós-Doutoranda Cibele Mota, por quem criei uma bela amizade e parceria. Agradeço-lhe pela paciência e aprendizado que tive contigo.

À secretária municipal de saúde Angelita Herrmann, coordenadora das ações em saúde Deise Ferminiano, por me liberar para fazer o mestrado, bem como por acreditar e confiar em meu trabalho.

Agradeço toda a equipe da Defesa Civil de Itajaí, pela aceitação do meu trabalho, pela disponibilização das informações e por contribuírem com minha pesquisa.



## RESUMO

Os desastres naturais atingem cada vez mais a população em todo o mundo. Os mesmos ocasionam diversos impactos, seja sob o aspecto dos danos físicos sofridos, aspecto social ou, ainda, pelos danos psicológicos diante das perdas vivenciadas. Neste panorama, profissionais que atuam em situações de desastres naturais deparam-se com pessoas que residem em área de risco e que, mesmo quando notificadas pela Defesa Civil que devem deixar as suas residências, devido ao risco de acidentes fatais, permanecem neste local. Há situações em que gerações de famílias habitaram em uma moradia de risco e os laços afetivos estão tão presentes naquele local que a pessoa prefere morrer a deixar sua casa. Diante desta problemática, esta dissertação buscou compreender as características do apego à moradia localizada em área de risco. O trabalho teve uma perspectiva qualitativa e utilizou-se abordagem multimétodos para coletados dados: *Walk-around-the-block*, documentação fotográfica e entrevista semiestruturada. A pesquisa foi analisada por meio da Grounded Theory com auxílio do software Atlas/Ti 5.0®. A análise consistiu no estabelecimento de categorias, subcategorias e elementos de análise. Foram pesquisados 18 pessoas que residem em área classificada de muito alto risco onde houve evidências de instabilidade na moradia, tais como trincas, muros de contenção, cicatrizes de deslizamentos, proximidade da moradia em relação à margem de córregos ou encostas, lixo nas ruas e ausência de saneamento básico. Na análise emergiram duas grandes categorias que contemplaram os principais resultados, a dimensão funcional e a dimensão simbólica do apego. A primeira dimensão foi a mais evidenciada pelos participantes, isto ocorreu em virtude da importância da satisfação de algumas necessidades, como ter um lugar para morar e cuidar dos filhos, não precisar ficar na casa dos outros e não ter que pagar aluguel. Para os participantes, ter estas necessidades supridas mostrou-se mais importante do que o risco que correm, demonstrando uma relação de dependência com o lugar. Já a insatisfação de algumas necessidades (conforto, segurança e bem-estar) foi evidenciada devido à ocorrência do desastre natural, da perda dos móveis e do risco que correm, de modo a propiciar sentimentos de insegurança e medo. Na dimensão simbólica evidenciou-se a importância que a residência tem para a pessoa, já que os significados estão voltados ao pertencimento ao lugar e ao esforço

dedicado à construção da tão sonhada moradia. Com base nesta dimensão e na importância da satisfação das necessidades supracitadas, percebeu-se que os participantes são apegados à moradia e que estas dimensões contribuem para a permanência na casa, de modo que o tempo de vinculação com o lugar tornou-se uma consequência do apego. No entanto, a ocorrência do desastre natural juntamente com as características físicas e as avaliações da moradia contribuíram para diminuir o apego ao lugar e do cuidado com o ambiente. Assim sendo, estudo evidenciou sua relevância por haver poucas pesquisas disponíveis sobre o tema, por refletir sobre o processo de permanência dos participantes na moradia de risco e por embasar ações dos técnicos que atuam em situações de desastres naturais.

**Palavras-chave:** Desastres Naturais; Apego ao Lugar; Psicologia Ambiental.



## **ABSTRACT**

Natural disasters are increasingly affecting the population around the world. The same cause several impacts, whether in the aspect of physical damage suffered, social aspect or by psychological damage on the losses experienced. In this panorama, professionals working in situations of natural disasters are faced with people who live in risk area and that, even when notified by the Civil Defense that they must leave their homes because of the risk of fatal accidents, remain on this site. There are situations in which generations of families inhabited in a risk dwelling, and affective ties are so present at that location that the person would rather die than leave his house. On this issue, this dissertation sought to understand the characteristics of attachment to housing located in risk area. The multimethods approach was used to collect the data: Walk-around-the-block, photographic documentation and semi-structured interview. The study had a qualitative perspective and was analyzed by the Grounded Theory with the aid of Atlas/Ti 5.0® software. The analysis consisted in the establishment of categories, subcategories and analysis elements. Were researched 18 participants who reside in an area of very high risk where there was evidence of instability in housing, such as cracks, containment walls, scars of landslides, proximity of residences in relation to the margin of streams or slopes, garbage in the streets and absence of basic sanitation. Two broad categories were created which encompass the main results, the functional dimension and the symbolic dimension of attachment. The first dimension was most evidenced by participants, this occurred because of the importance of satisfaction of certain requirements, like having a place to live and take care of the children, not needing to be in other people's houses and not having to pay rent. For the participants, having these needs met appeared to be more important than the risk they've taken, demonstrating a dependency relationship with the place. The dissatisfaction of some needs (comfort, safety and well-being) was highlighted due to the occurrence of the natural disaster, the loss of furniture and the risk they've taken, so as to encourage feelings like insecurity and fear. In symbolic dimension it was evidenced the importance that the residence has for the person, since the meanings are aimed at belonging to the place and the effort devoted to building the so dreamed house. Based on this dimension and the importance of meeting the needs outlined above, it was noticed that participants are attached to

housing and that these dimensions contribute to staying in the house, so that the time of linking with the place became a consequence of attachment. However, the occurrence of the natural disaster along with the physical characteristics and housing assessments contributed to

**Keywords:** Natural Disasters; Place Attachment; Environmental Psychology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Perfil esquemático do processo de enchente e inundação....	28
Figura 2 - O Espectro do <i>Hazard</i> .....	30
Figura 3- Conceituação de risco, desastre e perigo.....	31
Figura 4- Imagem do município de Itajaí.....	44
Figura 5- Saneamento básico.....	53
Figura 6- Esgoto destinado ao rio.....	53
Figura 7- Habitação invadindo o leito do rio.....	54
Figura 8- Fiação elétrica feita pelos próprios moradores.....	54
Figura 9 - Declividade do morro.....	55



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Caracterização dos estudos obtidos com base na revisão da literatura sobre as relações de apego ao lugar.....	36
Quadro 2- Caracterização dos participantes da pesquisa.....	54
Quadro 3- Síntese geral das categorias, subcategorias e elementos de análise.....	61
Quadro 4- Síntese dos resultados e sua relação com os objetivos e o método.....	91



## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	17
1.1. OBJETIVOS.....	21
<b>1.1.1Objetivo geral</b> .....	21
<b>1.1.2Objetivos específicos</b> .....	21
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	23
2.1. A PSICOLOGIA AMBIENTAL.....	23
2.1.1. <b>Histórico da psicologia ambiental</b> .....	23
2.1.2. <b>Características dos estudos pessoa-ambiente</b> .....	25
2.2. DESASTRES NATURAIS.....	27
2.2.1. <b>Desastres naturais: múltiplos olhares sobre esses fenômenos</b> .....	28
2.3. <b>ÁREA DE RISCO DIANTE DE DESASTRES NATURAIS</b> ...31	
2.4. <b>O APEGO AO LUGAR NOS ESTUDOS PESSOA-AMBIENTE</b> .....	33
<b>2.4.1. A moradia e a relação bidirecional com a pessoa</b> .....	39
<b>3. MÉTODO</b> .....	43
3.1. <b>DELINEAMENTO DA PESQUISA</b> .....	43
3.2. <b>CONTEXTO DA PESQUISA</b> .....	43
3.3. <b>PARTICIPANTES</b> .....	45
3.4. <b>INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS</b> .....	46
3.5. <b>PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS</b> .....	47
3.6. <b>PROCEDIMENTOS ÉTICOS</b> .....	48
3.7. <b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	49
<b>4. RESULTADOS</b> .....	51
4.1 <b>CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA</b> .....	51
4.2 <b>CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES</b> .....	55
4.3. <b>APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE</b> .....	59
<b>4.3.1. Definição das categorias e subcategorias</b> .....	60
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	63
5.1. <b>AMBIENTE DA PESQUISA</b> .....	63
5.2. <b>CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES</b> .....	66
5.3. <b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b> .....	68
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	93
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	97
<b>8. APÊNDICE</b> .....	107
8.1. <b>APÊNDICE 01- ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	107
8.2. <b>APÊNDICE 02- TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO</b> .....	109

8.3. APÊNDICE 03- TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PARTICIPANTES.....	110
---	-----



## INTRODUÇÃO

“A chuva descia tudo, mas nós não queríamos sair daqui!” “Após a chuva parar eu voltei para casa, mesmo sabendo que poderia correr risco de vida. (...). A casa é minha, fui eu quem construí meu castelo.” – relataram os participantes do estudo realizado por Vargas (2009). Essas pessoas foram removidas das áreas urbanas classificadas pelo aparato técnico da Defesa Civil como áreas de risco em Juiz de Fora/Minas Gerais. Ao observar essas narrativas, notam-se trajetórias cunhadas em perdas, emoções, resistência e apego a esta moradia considerada de risco diante da ocorrência do desastre natural.

Os desastres naturais atingem cada vez mais a população e o meio ambiente em todo o mundo. Eles ocasionam diversos impactos, seja sob o aspecto dos danos físicos sofridos (perdas de moradias e bens materiais), seja no aspecto social (ausência das políticas sociais) ou, ainda, pelos danos psicológicos diante das perdas vivenciadas (Alves, Lacerda, & Legal, 2012). Para a Defesa Civil brasileira, este tipo de desastre é considerado como o impacto causado por fenômenos naturais extremos ou intensos (seca, enchentes, etc.) sobre um sistema social, que ocasiona prejuízos que excedem a capacidade da comunidade atingida de lidar com tal desastre (Brasil, 2007).

No ano de 2011, em âmbito mundial, foram registrados 332 desastres naturais, os quais atingiram 244.700 pessoas, das quais 30.773 morreram, ocasionando um prejuízo na economia mundial de 366,1 bilhões de dólares (Sapir, Vos, Below & Ponserre, 2012). De acordo com o Relatório Anual de Desastres de 2012, o Brasil foi considerado pelo *Center for Research on the Epidemiology of Disasters - CRED* como um dos 10 países que mais tiveram danos devido a ocorrência de desastres naturais, sejam eles inundações, movimentos de massa ou secas (Sapir, Hoyois & Below, 2013). Além desses problemas ambientais, destaca-se no país a crescente ocupação das áreas irregulares, o que coloca a população em situação de risco, tornando-a vulnerável aos desastres (Brasil, 2010).

Neste panorama, profissionais que atuam nesta área (bombeiros, defesa civil, etc.) deparam-se com pessoas que residem em área de risco e que, mesmo quando notificadas pelos órgãos competentes que devem deixar as suas residências, devido ao risco de acidentes fatais, permanecem neste local. Jungles e Schadeck (s/d) salientam que na ocorrência de um desastre natural, como por exemplo, inundação, uma área será considerada de risco quando houver a probabilidade de um

determinado fenômeno natural oferecer risco a ambientes e/ou lugares que apresentam diversas irregularidades para sua ocupação, como falta de saneamento básico, acúmulo de lixo, moradias perto de encostas, margens de rios, morros, etc.

Há situações em que gerações de famílias habitaram em uma moradia de risco e os laços afetivos estão tão presentes naquele local que a pessoa prefere morrer a deixar sua casa (Brasil, 2010). Desse modo, as pessoas estabelecem relações de trocas subjetivas e objetivas com os lugares, emergindo em experiências e vivências que trazem uma pluralidade de aspectos simbólicos e afetivos a estes sujeitos que fazem uso desse lugar (Tuan, 1980).

Neste sentido, o conceito de lugar está ligado ao caráter simbólico que o ambiente físico tem para o sujeito e/ou grupo (Venables, Pidgeon, Parkhill, Henwood & Simmons, 2012), bem como aos espaços que são familiares, que fazem parte da vida. É um ambiente que emerge afetividade, constituído por objetos naturais e/ou artefatos sociais que servem como pontos de referência para o sujeito (Tuan, 1983). Portanto, essa afetividade atribuída ao lugar denota-se “apego ao lugar”, conhecido na literatura também como vínculo ao lugar ou *place attachment* (Elali & Medeiros, 2011). As investigações sobre o tema indicam como foco as relações entre as características físico-espaciais do lugar e os significados afetivos a ele atribuídos (Giuliani, 2004). O fenômeno apego ao lugar constitui-se objeto de estudo da Psicologia Ambiental (PA), subdisciplina que estuda a pessoa em seu contexto, tendo como enfoque as inter-relações entre a pessoa e o meio ambiente (Moser, 1998).

Do ponto de vista conceitual define-se apego ao lugar como os laços afetivos, sentimentos de satisfação, bem-estar e segurança, derivados das cognições positivas acerca do ambiente físico, seja por meio da familiaridade, desempenho deste em satisfazer as necessidades ou em razão do significado atribuído ao lugar (Giuliani, 2003; 2004). Esse fenômeno torna-se um importante componente na constituição do sujeito, contribuindo para seu desenvolvimento e manutenção, bem como para a compreensão das relações emocionais que são estabelecidas entre a pessoa e o ambiente (Mazumdar & Mazumdar, 1999). Os significados atribuídos aos lugares não são estáticos, constituem-se de um processo dinâmico em constante transformação, atuando diferentemente nos pensamentos, sentimentos, interações sociais e bem-estar físico. Desta forma, os lugares terão significados diferentes para as pessoas (Gustafson, 2001; Purcell, Peron & Berto, 2001), sem que

necessariamente ocorra um processo de identificação prévio a esse lugar (Alencar & Freire, 2007).

A pesquisa dedicada ao apego ao lugar tem ampliado seu âmbito de investigação, despertando interesse dos pesquisadores, sobretudo no reconhecimento de que esse fenômeno pode contribuir para a definição da identidade pessoal e no sentido de pertencimento aos lugares (Felippe & Kuhnen, 2012a; Elali & Medeiros, 2011). Para tanto, Gustafson (2001) realizou uma revisão bibliográfica acerca do tema e ressaltou que os conhecimentos advindos do apego ao lugar podem ser reunidos em três eixos temáticos: *self*, relações com os outros e ambiente. A importância do apego ao lugar para o *self* e relações com os outros pode ser encontrada em pesquisas voltadas ao comportamento e desenvolvimento humano (Brown, Perkins & Brown, 2004). Já nos estudos dedicados ao apego ao lugar e ao ambiente encontram-se pesquisas voltadas a ambientes verdes e naturais, ambiente organizacional (Elali & Medeiros, 2011) e moradias (Brown, Perkins, & Brown, 2003; Lewicka, 2005; 2010; Macedo, Oliveira, Günther, Alves & Nobrega, 2008).

No estudo ora proposto será considerado como lugar a moradia de risco, ou seja, a casa que está localizada em uma área considerada de risco pela Defesa Civil. A moradia tem sido referida na literatura como um dos lugares mais apreciados pelas pessoas, por propiciar meios que contribuem para a regulação emocional e para a reflexão acerca da identidade. Além disso, é considerada como um lugar com vínculos emocionais, estabelecidos pela relação pessoa-ambiente (Elali & Medeiros, 2011; Felippe, 2010). Entretanto, as pessoas podem não estar cientes de que são apegadas ao lugar que residem até que um desastre natural ocorra (Brown, Perkins & Brown, 2004).

Com base no que foi supracitado acerca do apego à moradia em área de risco, foi realizada uma busca nas bases de dados Bireme, Psyc, IndexPsi, Science Direct e Redalyc, utilizando como descritores “apego ao lugar (*placeattachment/* apego al lugar)” e “moradia de risco (*riskdwelling*)”, ou “apego ao lugar (*placeattachment/*apego al lugar)” e “área de risco (*riskarea/*área de riesgo)”, ou “apego ao lugar (*placeattachment/*apego al lugar)” e “desastres naturais (*natural disasters/*desastres naturales)”, no mês de novembro de 2013, onde encontrou-se apenas quatro artigos disponíveis que relacionavam os fenômenos descritos acima.

Assim sendo, este estudo evidencia sua relevância por ter poucas pesquisas disponíveis nas bases de dados. Há um crescente

interesse, tanto da ciência quanto dos órgãos públicos, para pesquisar e compreender esses fenômenos no intuito de embasar e subsidiar ações dos técnicos que atuam nessas áreas, criar estratégias e políticas públicas para reduzir os impactos causados pelos desastres naturais, bem como auxiliar a população que reside em área de risco e é removida de sua moradia.

Essa pesquisa também colaborou para a produção científica do Laboratório de Psicologia Ambiental (LAPAM), bem como para a área de concentração “Saúde e Desenvolvimento Psicológico” da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por analisar a relação estabelecida entre a pessoa e a moradia de risco e por ser um estudo pouco explorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta universidade. Dadas essas considerações e uma vez que a teoria do apego ao lugar tem se mostrado útil para entender os laços afetivos, questionou-se: quais são as características do apego à moradia localizada em área de risco?

## 1.1. OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

- Compreender as características do apego à moradia localizada em área de risco na perspectiva de seus moradores.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar os riscos ambientais aos quais os participantes estão expostos;
- Analisar os significados afetivos atribuídos pelo indivíduo à moradia localizada em área de risco;
- Descrever os julgamentos atribuídos pelo indivíduo à moradia de risco;
- Verificar as possíveis implicações do desastre natural no apego ao lugar.



## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

O presente capítulo contempla a revisão da literatura que deu suporte ao problema de pesquisa. O mesmo divide-se em quatro seções, dedicadas à investigação dos pressupostos teóricos da Psicologia Ambiental, desastres naturais, áreas de risco e o apego ao lugar. Os temas propostos objetivam, em um primeiro momento, apontar a contribuição da Psicologia Ambiental nos estudos sobre as relações pessoa-ambiente, nortear o trabalho e dar base e sustentação à teoria do apego ao lugar; em um segundo momento, compreender o fenômeno de desastre natural e como o mesmo é classificado pela Defesa Civil; em terceiro, conceituar e descrever as características relacionadas à área de risco, e, posteriormente, dialogar sobre a complexidade do fenômeno de apego ao lugar.

### **2.1 A PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Para estudar o ser humano em sua subjetividade, a Psicologia, de modo geral, busca compreender os significados, as atitudes e os valores atribuídos pelas pessoas em sua relação com o meio. No entanto, no campo de pesquisa da Psicologia focam-se os comportamentos, as emoções, as atitudes, as representações advindas dessa relação, sem considerar o meio ambiente físico e social em que há esta interação. De acordo com Tassara e Rabinovich (2003), houve uma redução do interesse da Psicologia acerca das questões ambientais, de modo que favoreceu a criação de uma subdisciplina específica que se dedicasse à compreensão da pessoa-ambiente.

#### **2.1.1. Histórico da psicologia ambiental**

Os primeiros registros da Psicologia Ambiental (PA) iniciaram no século XX e tiveram a contribuição dos alemães Von Uexkull e Hellpach, os quais ressaltaram a necessidade da criação de uma psicologia voltada também ao ambiente (Valera, 1996; Pol, 1993). Desse modo, a PA foi criada por meio de dois grupos de formadores: um externo à psicologia e outro interno. Nas disciplinas externas encontravam-se: a geografia, a arquitetura, o planejamento ambiental e as ciências bioecológicas (Bonnes & Secchiaroli, 1995). Nas internas ressaltaram-se duas tradições teóricas voltadas aos estudos dos processos psicológicos, presentes na interação pessoa-ambiente: psicologia da

percepção, que conceituou o ambiente em termos perceptuais e físicos; e a psicologia social, voltada a uma visão mais molar, ou seja, visava às relações humano-ambiental com base nos fenômenos grupais (Pinheiro, 2003). Na Inglaterra e nos países nórdicos a Psicologia Ambiental nasceu devido à demanda dos arquitetos. Já na Itália, Alemanha, França e Espanha, a PA advém da psicologia geral, devido ao interesse de alguns psicólogos acerca do contexto em que os sujeitos pesquisados estavam inseridos (Moser, 1998).

Especificamente, a formação da Psicologia Ambiental como campo disciplinar começou no final dos anos 1950 nos Estados Unidos, com o movimento das transformações do período pós-guerra (Pol, 1993; Valera, 1996). A crescente concentração urbana e a reconstrução das cidades atingidas nesse período inquietaram os pesquisadores, que contribuíram para o surgimento de uma Psicologia Ambiental voltada ao ambiente construído e aos efeitos deste ambiente no comportamento das pessoas. Dessa forma, esse período foi denominado de Psicologia Arquitetural, pois adotou uma perspectiva molecular, ou seja, focada nas experiências individuais (Valera, 1996). A pessoa era compreendida como um ser passivo, influenciada pelo ambiente. O foco da pesquisa era o ambiente *per se*, não importando as inter-relações ou transações pessoa-ambiente. Esse foco repercutiu nas produções científicas, destacando-se os estudos voltados à privacidade, aglomeração, comportamento territorial, espaço pessoal, mapeamento cognitivo e personalização dos espaços (Rivlin, 2003).

Na segunda metade da década de 1980, o crescente desenvolvimento urbano trouxe preocupações aos pesquisadores, não novas, mas necessárias, que repercutiram na mudança de vertente da área. A partir desse momento, buscou-se também investigar a conservação dos recursos naturais, preservação do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável (Ittelson et al., 2005). Essa fase denominou-se de Psicologia Ambiental Verde (Pol, 1993), focando-se em uma tendência molar (Valera, 1996). Desde então a PA passa a compreender o homem como ser ativo, que intervém sobre o ambiente de forma consciente e busca atender suas necessidades por meio dele (Ittelson et al., 2005). Essa fase da PA tem seguido até hoje. Destacam-se os trabalhos voltados ao apego ao lugar, relações de vizinhança, habitação, local para idosos, escolas, gênero, impacto da tecnologia, entre outros (Rivlin, 2003).

Já o histórico nacional da PA é dividido por Pinheiro (2003) em três momentos. O primeiro ocorreu em torno de 1970 a meados dos anos 1980, e caracterizava-se por traduções de obras estrangeiras da área



daPA. Já na década de 1980 até os primeiros anos da década de 1990, ocorre o segundo momento, por meio da produção de alguns artigos isolados, publicados em periódicos nacionais. Nessa fase, não há trocas entre os pesquisadores nacionais da área. As publicações desse período tinham em suas pesquisas as características da vertente da “Psicologia Arquitetural”. No terceiro momento, após 1990 e mais acentuadamente nos primeiros anos deste novo século, os estudos da PA no Brasil demonstram tentativas de integração entre os pesquisadores. É nessa fase que surgem as “pontes” de diálogos entre os mesmos, seja por meio das publicações de autoria múltipla ou citações cruzadas de trabalhos nacionais. A partir desse período, as publicações direcionam-se à vertente da “Psicologia Ambiental Verde”.

### **2.1.2. Características dos estudos pessoa-ambiente**

A Psicologia Ambiental consiste em uma subdisciplina que estuda a pessoa em seu contexto natural ou construído. Tem como enfoque as inter-relações entre a pessoa e o meio ambiente (Evans, 2005; Moser, 1998), e as considera como totalidade (ontologia). Nesse sentido, percebe o indivíduo enquanto um ser que pensa, sente, age e relaciona-se com um ambiente físico e social (Moser, 2005). Essa relação é vista de modo holístico (metodologia) e dá ênfase às dimensões espaciais e temporais, de modo a estabelecer diálogos com outras disciplinas interessadas nesta temática (interdisciplinaridade).

Esta subdisciplina incorpora diferentes perspectivas teóricas em seus estudos (epistemologia), baseadas não somente na psicologia em geral, mas na sociologia, antropologia, planejamento urbano, arquitetura, ecologia e outras disciplinas que pesquisam o ambiente físico (Ittelson, Proshansky, Rivlin & Winkel, 2005; Moser, 2005; Wiesenfeld, 2005). A colaboração entre essas áreas disciplinares tem se mostrado importante à compreensão das relações pessoa-ambiente em toda a sua complexidade (Ornstein, 2005).

A PA oferece meios de apreender esta relação em contextos distintos e analisá-los enquanto tal, aplicando os resultados obtidos para a melhoria da qualidade ambiental, bem como aos usuários que se relacionam a esses ambientes (pertinência social). Ela analisa a relação pessoa-ambiente em quatro níveis de referência espacial (espaço físico): 1) o microambiente: considerado o espaço privado do sujeito, como por exemplo, a moradia; 2) ambientes de proximidade: bairro, parques e os espaços verdes; 3) ambientes coletivos públicos: cidades,

etc. e 4) ambiente global, construído ou não, voltado à sociedade de modo geral (Moser, 2005).

Outra característica da PA é o estudo dos seres humanos em seus contextos naturais. Normalmente esta não isola o comportamento do seu meio para estudá-lo (experimental), mas o compreende junto ao ambiente, exercendo papel integral no processo de análise. Assim, um dos focos de interesse da PA é o estudo da pessoa como parte de seu meio, utilizando-se de metodologias que lhe são próprias para apreender a complexidade dos objetos de estudo (Ittelson et. al, 2005).

Com base nisso, utiliza a abordagem multimétodo para pesquisar o objeto de estudo. Essa abordagem articula técnicas de pesquisa pertencentes a diversos delineamentos metodológicos, o que possibilita uma averiguação mais precisa da multiplicidade do fenômeno. Além disso, apreende os aspectos envolvidos na situação problema, de modo a evitar os vieses característicos das investigações que analisam apenas uma das dimensões do fenômeno. Günther, Elali e Pinheiro (2004) salientam que cada método utilizado isoladamente, devido às limitações próprias que o definem, permite apenas uma reprodução incompleta da realidade, demasiadamente complexa para ser abordada por somente uma perspectiva metodológica.

Por fim, a PA tem evitado paradigmas de investigação individualistas, assumindo cada vez mais um perfil social (Valera, 1996). Isso remete à mudança de uma abordagem que enfoca uma análise individual (molecular) com vistas à generalização e princípios universais do comportamento, para uma abordagem social (molar), que compreende a pessoa como parte integrante de uma comunidade construída em um contexto físico, histórico e cultural. Os dois paradigmas não são excludentes, mas se desenvolvem dentro de uma tendência geral da PA, que vai do molecular ao molar.

Tendo em vista a disposição da Psicologia Ambiental em fornecer interpretações a fenômenos derivados da relação humano-ambiental, constitui-se campo propício para contribuir na compreensão dos desastres naturais. Kuhnen (2009) ressalta que os desastres naturais são produzidos na relação que o ser humano estabelece com o ambiente, e que, se forem entendidos desta forma, cria-se uma imagem de fenômenos previsíveis e de mais fácil controle na prevenção dos desastres.

## 2.2. DESASTRES NATURAIS

Os desastres naturais são conceituados como os impactos causados por fenômenos naturais, sejam estes extremos ou intensos (seca, enchentes, etc.), sobre um sistema social, que ocasionam diversos prejuízos que excedem a capacidade da comunidade atingida de lidar com tal desastre (Brasil, 2007). Os mesmos são classificados pela Defesa Civil de acordo com os níveis de intensidade e evolução (Brasil, 2010), os quais variam do grau um a quatro. No nível de intensidade um, o desastre é superado facilmente pela população (pequeno porte); no nível dois, o desastre é superado com os recursos da própria população (médio porte); já no nível três, a comunidade precisa de ajuda externa para superar os prejuízos do desastre (grande porte); e no nível quatro, o desastre alcançou um nível muito alto, de modo que a população não consegue superar nem suportar o desastre. Com isso, a cidade passa a necessitar de ajuda de fora da área afetada para reconstruir o local atingido (muito grande porte) (Brasil, 2010).

Já os níveis de evolução do desastre podem ser classificados como:

- 1) Súbitos ou de evolução aguda: quando os desastres evoluem rapidamente e ocasionam um nível elevado de destruição e violência, por exemplo, as enchentes e os vendavais;
- 2) Graduais ou de evolução lenta: quando evoluem lentamente, como a estiagem;
- 3) Soma dos efeitos parciais: quando os desastres naturais ocorrem em determinados lugares e, somados aos danos, causam um grande impacto à população (Brasil, 2010).

Sobre os tipos de desastres naturais, serão conceituados neste trabalho os desastres naturais característicos da cidade de Itajaí, cidade do Estado de Santa Catarina, sul do Brasil, local onde ocorreu a coleta de dados desta pesquisa. O alagamento é a combinação da superação da capacidade de escoamento dos sistemas de drenagem com as precipitações intensas, gerando o acúmulo de água nas infraestruturas urbanas (Brasil, 2012). Já a enchente ou inundação gradual (Brasil, 2003) é quando há o transbordamento da água do rio ou da bacia hidrográfica de modo a atingir a planície. Quando estas águas ultrapassam a cota máxima do canal, a enchente passa a ser chamada de inundação, podendo atingir as moradias que estão localizadas próximas às margens do rio, conforme é demonstrado na Figura 01 (CEPED UFSC, 2011).

Figura 1-Perfil esquemático do processo de enchente e inundação.



Fonte: Brasil (2007b).

Outro fenômeno comum na referida cidade, a enxurrada ou inundação brusca (CEPED UFSC, 2011) é a ocorrência de chuvas intensas e concentradas e está relacionada ao escoamento superficial de alta velocidade das águas. A susceptibilidade de determinada localidade a esse desastre pode ser agravada devido à impermeabilização do solo causada pela urbanização desordenada. Essa impermeabilização reduz a capacidade de infiltração das águas das chuvas e, conseqüentemente, aumenta os picos de cheia, resultando no aumento de velocidade das águas nos rios e no poder destrutivo dos escoamentos superficiais (Brasil, 2012). Por fim, o movimento de massa, conhecido também como deslizamento, é a movimentação de materiais que cobrem as vertentes ou encostas, tais como rochas, solos e vegetação (Brasil, 2012).

### 2.2.1. Desastres naturais: múltiplos olhares sobre esses fenômenos

Com o aumento da ocorrência dos desastres naturais, tanto em âmbito mundial como nacional, há uma crescente preocupação científica voltada para a compreensão do fenômeno e dos impactos que este ocasiona à população (Favero & Diesel, 2008). Nesse sentido, salienta-se a Psicologia, a Sociologia e a Geografia enquanto ciências que contribuíram para a produção do conhecimento científico, bem como problematizam os fenômenos que foram pesquisados (desastres naturais e área de risco) nesta dissertação.

Estudos voltados aos desastres naturais na literatura internacional, como terremotos, tsunamis, tornados, furacões e tempestades, ganharam evidência por volta dos anos 1920, tendo como ênfase a descrição de eventos naturais

os impactos causados nas populações atingidas pelo desastre (Hernández & Arias, 2011). Já na literatura nacional, os estudos que pesquisassem fenômenos tiveram início nos anos 1950, época em que a Psicologia e a Sociologia buscavam observar a percepção de cada indivíduo ou da comunidade diante da calamidade, e averiguavam quais eram as consequências desta vivência, tanto socialmente quanto individualmente (Favero & Diesel, 2008).

Atualmente, na psicologia, a produção do conhecimento voltada a esse fenômeno está sendo debatida e construída, sobretudo no que embasa as ações voltadas ao pós-desastre. Nessa área destaca-se a pesquisa desenvolvida por Alves, Lacerda e Legal (2012), que analisaram os periódicos do campo da psicologia disponíveis em bibliotecas virtuais nacionais e internacionais (CRID, BIREME e LILACS), no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo diante dos desastres naturais. Dos 72 trabalhos acessados, 47,67% relacionavam-se ao tema, sendo 43,33% em língua portuguesa. Quanto às práticas descritas, os autores encontraram maior enfoque nas ações de pós-desastre, voltadas especificamente ao tratamento de transtornos mentais, em especial o transtorno do estresse pós-traumático. Com base nos dados levantados, os autores salientam a necessidade de produções científicas voltadas a essa temática, como forma de divulgar orientações que sejam capazes de subsidiar as ações dos psicólogos, não focando apenas no pós-desastre, mas também em ações preventivas que visem fortalecer e preparar a comunidade para enfrentar os desastres naturais.

No âmbito das ciências sociais, a produção do conhecimento sobre esse fenômeno partiu da definição de alguns conceitos, como catástrofes naturais, riscos naturais, crises, emergências, vulnerabilidade, situações extremas e impactos negativos. Além disso, salientam duas tradições de análise das pesquisas: a Teoria dos *hazards*<sup>1</sup>, que enfatiza os aspectos naturais sob o ponto de vista dos aspectos geográficos, e a Teoria dos Desastres, que foca os aspectos sociais, do ponto de vista sociológico. Enquanto a abordagem do *hazard* refere-se “à análise dos efeitos potenciais provocados pela interação de fatores físicos e humanos, a teoria dos Desastres resulta da análise dos efeitos reais provocados pela eclosão do fenômeno” (Mattedi & Butzke, 2001, p. 15).

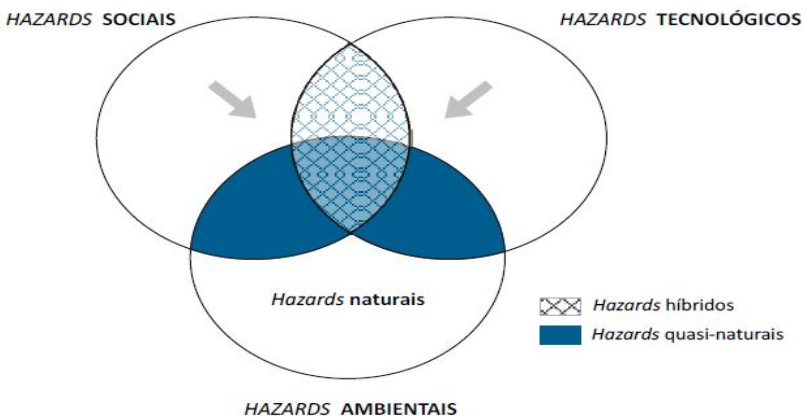
---

<sup>1</sup>Hazards referem aos eventos geofísicos (climatológicos e geológicos), como por exemplo, avalanches, deslizamentos, dentre outros (Mattedi & Butzke, 2001).

Vale salientar que quando um desastre natural não atinge as atividades humanas, não é considerado, de acordo com autores supracitados, um *hazard*. O que o caracteriza é quando este causa algum dano ao contexto social. Desse modo, as teorias dos *hazard* e desastres buscam analisar a relação bidirecional que é estabelecida quando um evento geofísico potencialmente destrutivo (dimensão natural) atinge um contexto social considerado vulnerável (dimensão social) (Mattedi & Butzke, 2001).

Nas ciências geofísicas, Jones (1993) caracteriza os desastres de modo geral como: riscos ambientais, quando atingem o ambiente físico; riscos tecnológicos, originam-se das estruturas, processos tecnológicos e, por fim, riscos sociais, advindos do comportamento humano. Porém, Marandola e Hogan (2004) atentam para o fato de que hoje essa classificação apresenta-se muito mais complexa. Conforme é ilustrado na Figura 02, os riscos sociais e tecnológicos atingem o ambiente físico, de modo a produzir outros tipos de riscos elencados como “quasi-naturais”, pois possuem uma dimensão física modificada por elementos sociais, humanos e/ou tecnológicos. Outra forma de risco são os híbridos, pois caracterizam-se pela relação entre os aspectos tecnológicos e sociais. Para Jones (1993), os desastres ambientais são caracterizados pela interação de três aspectos: tecnológico, natural e social, conforme é demonstrado na Figura 2.

Figura 2 - O Espectro do *Hazard*.



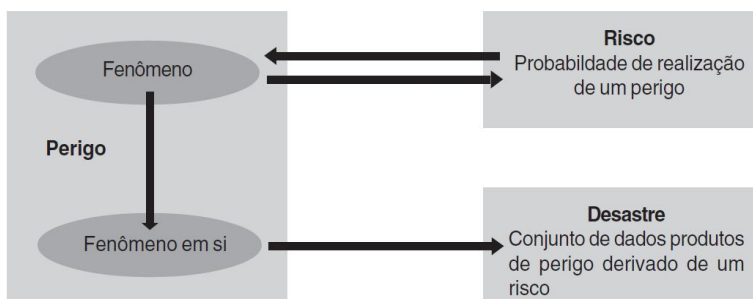
Fonte: Jones (1993).

Nesse sentido, nota-se que estas ciências apresentam rumos múltiplos e, não raro, divergentes, para compreender, reduzir ou mitigar os desastres. Além disso, há uma migração de um entendimento de desastre natural como “ação divina” para uma compreensão de que esses fenômenos distinguem-se pelo fato de serem ou não provocados pela ação humana (Alexander, 2003). Traçado em linhas gerais o campo de investigação e o significado de *hazard* nos estudos geográficos, psicológicos e sociais, questiona-se como identificar uma determinada área como de risco? Mas antes disso, é preciso conceituar “risco” e “perigo” uma vez que são conceitos fundamentais nesse campo investigativo.

### 2.3. ÁREA DE RISCO DIANTE DE DESASTRES NATURAIS

Risco é denominado pelos geógrafos como uma situação que se encontra no futuro e que traz incerteza e insegurança para a população que está próxima a mesmo. Assim, há áreas consideradas de risco, pois estão suscetíveis à ocorrência de um desastre natural (Marandola & Hogan, 2004). O risco é considerado como a probabilidade da ocorrência de um perigo, enquanto o desastre natural é o resultado de um perigo que foi derivado de um risco. Já o perigo, conforme elencado na Figura 03, é tanto o fenômeno (quando há o risco) quanto um fenômeno em si. Não há risco sem perigo e perigo sem risco (Castro, 2000).

Figura 3- Conceituação de risco, desastre e perigo.



Fonte: Castro (2000).

Ao apontar a noção de risco, Esteves (2011) colabora com essa discussão ao salientar que esse fenômeno está em debate pela sociedade, sendo objeto de observações, análises e pesquisas no meio acadêmico e

governamental. Este é classificado como riscosocial, tecnológico, financeiro, natural ou ambiental. Geralmente, esse fenômeno está associado à segurança pessoal, saúde, desastres naturais, condições de habitação, transporte, trabalho, criança e adolescente, violência, dentre outros.

A palavra risco pode ser compreendida como uma situação ou possibilidade de perigo, que pode ser percebida ou não pelas pessoas. Segundo Umbelino (2006), esse fenômeno ocorre no plano coletivo ou individual e apresenta-se de maneira permanente ou momentânea, contendo a existência de dois agentes: o ameaçador, como, por exemplo, a inundação e o receptor da ameaça, a população. Portanto o risco refere-se à probabilidade da ocorrência do desastre em um tempo e espaço, não determinados e não constantes, que atingem (direta ou indiretamente) a vida humana (Castro, Peixoto & Rio, 2005).

Os riscos são classificados em três categorias, conforme sua origem, e podem ou não estar inter-relacionados: o risco tecnológico relaciona-se aos processos de produção e da atividade agrícola, industrial e científica; o risco natural refere-se aos eventos de origem natural ou induzido por atividades humanas, como os desastres naturais; os riscos sociais são advindos da ação humana, incluídos riscos econômicos, militares e os relacionados à saúde (Castro, Peixoto & Rio, 2005).

Esses fenômenos também podem ser analisados como objeto social, conforme aponta Veyret (2007). Para a autora, o risco existe devido a sua relação com o sujeito ou grupo social que o apreende por meio de representações, percepções e ações. Não há risco sem que haja uma população ou indivíduo que corra o perigo e que o perceba como tal, sendo, muitas vezes, assumidos, estimados, recusados ou avaliados.

Para a Sociologia, os riscos não devem ser considerados exclusivamente como um fenômeno tecnológico ou natural, mas também um fenômeno social (Siena, 2009). Com o aumento das mudanças climáticas, algumas regiões irão sofrer pela intensidade ou pela frequência dos desastres naturais, remetendo ao risco de que a população, especialmente a de baixa renda, estará mais sujeita aos riscos ambientais, notadamente aquelas que residem próximas às encostas, aos resíduos tóxicos, ao lixo, entre outros (Esteves, 2011). Para Castro, Peixoto e Rio (2005), essas contingências de acontecimentos são consideradas riscos ambientais, por proporcionarem risco ao ambiente e à população que faz uso desse ambiente.

No âmbito da ciência psicológica, o conceito de risco, nos últimos onze anos, foi objeto de análise de Bisol e Tapia (2012). As



autoras constataram que as produções científicas sobre esse fenômeno estão relacionadas aos termos ciclo vital, doenças físicas ou emocionais e trabalho. Marandola e Hogan (2004) salientam que as ciências humanas devem buscar a compreensão da dinâmica dos riscos e dos perigos que estão presentes na vida do homem e, dos quais, ele próprio é o principal agressor e vítima. Os autores também apontam que o crescente diálogo entre os campos de estudo é um caminho e um desafio que se impõem e que precisa progredir, sendo que o âmago da problemática em torno dos desastres naturais está nas correlações entre os impactos, perigos e riscos ambientais e a interação pessoa-ambiente.

No debate sobre essa temática, o discurso técnico confronta-se com as práticas cotidianas das pessoas que residem em área de risco. Muitos desses moradores criam laços afetivos com a casa, associados a histórias e momentos que passaram nesses lugares, que colocam o fator *risco* das moradias como plano secundário em suas vidas (Vargas, 2009).

#### 2.4. O APEGO AO LUGAR NOS ESTUDOS PESSOA-AMBIENTE

A palavra apego ao lugar ou *place attachment* elucida a compreensão da relação afetiva da pessoa com o ambiente, seja emocionalmente e/ou culturalmente (Low & Altman, 1992). Esse fenômeno é considerado um objeto de estudo complexo que envolve outros fenômenos, como topofilia (Tuan, 1980), lugar (Tuan, 1983), territorialidade, apropriação do espaço, identidade de lugar e espacial, dependência, permanência no lugar, etc (Speller, 2005).

O primeiro estudo voltado aos laços afetivos com lugares foi realizado por Fried em 1963, com a publicação da pesquisa sobre a deslocação forçada das pessoas de sua moradia (Giuliani, 2004). Fried percebeu que o afastamento forçado da moradia produzia reações semelhantes à perda de um ente próximo e atribuiu esse sentimento a uma interrupção do sentido de continuidade dos moradores, pela fragmentação da identidade espacial e comunitária. Nessa mesma época, o debate acerca das diferenças entre as definições de espaço e lugar intensificou-se devido aos realojamentos urbanos característicos do pós-guerra, que colocaram em questão a qualidade dos espaços produzidos (Speller, 2005).

A oposição 'espaço *versus* lugar' pôs-se em cena, tendo como contexto o surgimento da própria Psicologia Ambiental. Enquanto a definição de espaço era vista apenas como um conjunto de avaliações

positivas acerca do ambiente físico, o lugar constituía-se enquanto localizador de significados construídos pelos seus utilizadores. O conceito de lugar está ligado ao carácter simbólico que o ambiente físico tem para o sujeito e/ou grupo (Venables et al., 2012). É um ambiente que emerge afetividade, constituído por objetos naturais e/ou artefatos sociais que servem como pontos de referência para o sujeito.

Esse lugar torna-se uma parte contribuinte para constituição da identidade daqueles que o habitam (Tuan, 1983). Para Jerônimo e Gonçalves (2008) a afetividade ao lugar é construída a partir das relações sociais, ambientais, culturais e das características físicas deste lugar. Quando a pessoa estabelece somente uma relação funcional com determinado lugar, ou seja, tem um “espaço” para suprir suas necessidades, este ambiente configura-se como “morar”, no entanto, quando esta se apropria dos aspectos físico, simbólico, emocional e cultural deste lugar, o mesmo passa a ser considerado como “habitar”. Portanto, pressupõe uma relação simbólica entre a pessoa e o ambiente (Gonçalves, 2002).

Para compreender a teoria do apego ao lugar salientam-se suas três dimensões: a funcional, a simbólica e a temporal. Na dimensão funcional o espaço físico é considerado um elemento que interfere no comportamento humano que nele ocorre. Este é resultado de uma relação pessoa-ambiente que possibilita um julgamento positivo do local frente às necessidades do indivíduo. O apego ao lugar se dá em razão da quantidade e importância das necessidades satisfeitas, bem como a disposição dos recursos e das condições desse lugar para a realização das atividades desejadas pela pessoa, ou seja, como o indivíduo acredita que um determinado lugar é adequado para realizar suas atividades, sendo característica mais cognitiva do que emocional (Giuliani, 2004).

Nesse caso, o tempo de vinculação é considerado uma consequência da satisfação das necessidades e a estabilidade do laço afetivo varia de acordo com as alternativas ambientais disponíveis. O indivíduo passa a dirigir atenção ao lugar no sentido de garantir a manutenção das qualidades ambientais que satisfazem suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais e ratificam sua identidade pessoal.

Já a dimensão simbólica trata dos aspectos simbólicos de origem individual e sociocultural que atuam como intermediários na relação pessoa-ambiente. Esta se dá por meio da importância simbólica de um lugar, como um repositório de emoções e relacionamentos que dão sentido e propósito para a vida das pessoas que o utilizam. O tempo de vinculação, nesse caso, não é relevante, e a estabilidade do laço

afetivo depende da relação entre o significado atribuído ao lugar e os elementos significativos para a identidade do indivíduo no momento da vinculação (Giuliani, 2004).

Por fim, a dimensão temporal deriva de um longo processo de proximidade, gerando satisfação, segurança e bem-estar em razão da familiaridade com o lugar. Ao contrário do apego funcional, essa forma de vínculo não se dá devido às qualidades do local, mas ao tempo de vinculação. Sua característica, por isso, é mais emocional que cognitiva, implicando no sofrimento pela separação e na dificuldade de substituição de um laço afetivo por outro (Giuliani, 2004), contribuindo para o desenvolvimento da identidade individual e comunitária.

Com base nesta conceituação e caracterização do fenômeno apego ao lugar, realizou-se uma pesquisa nas bases de dados BVS-Psi, Pepsi, *PsycINFO*, *ScienceDirect*, *Redalyc*, a fim de analisar a produção científica atual<sup>2</sup> dedicada ao tema. Os descritores utilizados foram: “apego ao lugar” (*placeattachment*/ apego al lugar) e “psicologia ambiental (*environmentalpsychology*/psicología ambiental)”. Encontrou-se 39 trabalhos disponíveis em inglês nestas bases de dados. Salienta-se a importância da produção do conhecimento em âmbito nacional, para que sejam realizadas contribuições científicas com base em indagações e necessidades locais. Corroborando com o referido resultado, Felipe e Kuhnen (2012b) realizaram uma revisão bibliográfica nas bases *Science Direct*, *Sage*, *SciELO* e *PePSIC* acerca do tema e não encontraram artigos nacionais. Nesse sentido, as autoras salientam que a falta de publicações apresenta um descompasso de interesses entre as nações, havendo uma produção internacional expressiva sobre os laços afetivos com lugares.

Para sistematizar o enfoque dos estudos dedicados ao apego ao lugar criou-se o Quadro 1, onde os resultados foram organizados em grupos temáticos conforme o foco de investigação.

Quadro 1- Caracterização dos estudos obtidos com base na revisão da literatura sobre as relações de apego ao lugar

<i>Grupos temáticos</i>	<i>Pesquisas</i>
-------------------------	------------------

<sup>2</sup> Teve como parâmetro cronológico os anos de 2009 a 2013.

<p><i>Ambientes específicos</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ambientes naturais, de recreação e lazer (Budruk&amp;Stanis, 2013; Tsung&amp;Shen, 2013; Urguhart&amp;Acott, 2013;Tumanan&amp;Lansangan, 2012; Wynveen, Kyle&amp; Sutton, 2012; Wright, Howes, 2010);</li> <li>▪ Ambientes residenciais urbanos (Lewicka, 2013; Kamalipour, Yeganeh&amp;Alalhesabj, 2012; Segun, 2012; Cristoferetti, Gennai&amp;Rodeschini, 2011; Comstocketal, 2010; Pincus, Hall, Force &amp;Wulfhorst, 2010;Lewicka, 2010; Rollero&amp;Piccoli, 2010; Ujang, 2010; Windsong, 2010);</li> <li>▪ Ambientes rurais (Cheshire, Meurk, Woods, 2013; Raymond, Brown &amp; Weber, 2010);</li> <li>▪ Ambiente universitário (Bogdan, Rioux&amp;Negovan, 2012);</li> <li>▪ Lugares favoritos (Korpela, Ylén, Tyrväinen&amp; Silvennoinen, 2009);</li> </ul>
<p><i>Comportamento voltado ao ambiente</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Comportamentopró-ambiental (David &amp;Weiler, 2013;Juneman&amp;Rufaedah, 2013; Ramkissoon&amp; Halpenny, 2010; Scannell&amp; Gifford, 2010);</li> <li>▪ Comportamento antiecológico (Hernández, Martín, Ruiz &amp; Hidalgo, 2010);</li> <li>▪ Conservaçãoambiental (Mosquera&amp; Sánchez , 2013; Lokocz, Ryan &amp; Sadler, 2011; Raymond, Brown &amp; Robinson, 2011; Gosling &amp; Williams, 2010);</li> <li>▪ Conversor de energia renovável (Wright, 2011);</li> <li>▪ Mudanças ambientais e gestão da terra rural (Lai&amp;Kreuter, 2012);</li> <li>▪ Programas ambientais (Needham&amp; Pouco, 2013);</li> </ul>
<p><i>Desastres naturais</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Alteraçõesclimáticas (Willox, Harper, Ford, Landman, Houle&amp;Borda, 2012).</li> <li>▪ Inundação (Mishra, Mazumdar&amp; Suar, 2010; Caroll, Morbey, Balogh &amp;Aroz, 2009);</li> </ul>

<i>Dimensão cognitiva</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identidade de lugar (Rollero&amp;Piccoli, 2010);</li> </ul>
<i>Populações específicas</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Turistas (Orth et al, 2012; Snider, Colina, Luo, Buerger&amp;Herstine, 2011);</li> <li>▪ Idosos (Wiles, Allen, Palmer, Hayman, Keeling &amp; Kerse, 2009);</li> </ul>
<i>Realocações de lugares</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Realocação forçada da moradia devido à guerra (Bogac, 2009);</li> <li>▪ Migração africana (Waite&amp; Cook, 2011);</li> </ul>

Fonte: desenvolvido pelo autor

De acordo com os resultados apresentados no Quadro 1, nota-se que há uma prevalência nos estudos dedicados aos grupostemáticos ambientes específicos (casa, bairro, cidade, etc.) e comportamento voltado ao ambiente. No que tange aos ambientes específicos destacam-se as pesquisas voltadas aos ambientes naturais, de recreação e de lazer, como parques (Tsong&Shen, 2013; Wynveen, Kyle& Sutton, 2012; Wright &Howes, 2010), praias (Urguhart&Acott, 2013), cafeterias (Tumanan&Lansangan, 2012); ambiente universitário (Bogdan, Rioux&Negovan, 2012); ambientes residenciais urbanos, como a cidade (Segun, 2012; Ujang, 2010), bairro (Comstocketal, 2010), casa (Cristoferetti, Gennai&Rodeschini, 2011; Windsong, 2010), ou pesquisas envolvendo mais de um destes ambientes, como por exemplo cidade e bairro (Lewicka, 2010; Rollero&Piccoli, 2010); ambientes rurais, como fazenda (Cheshire, Meurk& Woods, 2013) ou terras rurais (Raymond, Brown & Weber, 2010); e por fim a pesquisa dedicada a escolha dos lugares favoritos (Korpela, Ylén, Tyrväinen&Silvennoinen, 2009).

Estas pesquisas salientam a importância dos vínculos afetivos na relação pessoa-ambiente, pois o apego ao lugar contribuiu para o cuidado, sentido de pertencimento, apropriação do espaço e personalização. Além disso, auxiliaram na regulação emocional, na definição e na qualificação da identidade a pessoa que faz uso deste lugar.

Sobre o comportamento voltado ao ambiente, as pesquisas demonstram que quanto maior for o apego ao lugar maior será o comportamento pró-ambiental entendido como uma conduta voltada ao cuidado ambiental (Juneman&Rufaedah, 2013; Ramkissoon, David &Weiler, 2013; Halpenny, 2010; Scannell&Gifford, 2010) e a uma conservação ambiental (Mosquera&Sánchez, 2013; Lokocz, Ryan &Sadler, 2011; Raymond, Brown & Robinson, 2011; Gosling& Williams, 2010), de modo a indicar uma correlação positiva entre os

fenômenos. Da mesma forma, indicam que a pouca vinculação afetiva com o lugar é um importante preditor para o comportamento antiecológico, pois resulta na diminuição do cuidado com este ambiente (Hernández, Martín, Ruiz & Hidalgo, 2010). Esses resultados também são evidenciados no grupo temático populações específicas, sejam turistas (Orth et al, 2012; Snider, Colina, Luo, Buerger&Herstine, 2011) ou idosos (Wiles, Allen, Palmer, Hayman, Keeling&Kerse, 2009), demonstrando a relação entre o cuidado e o apego ao lugar.

As pesquisas dedicadas aos desastres naturais demonstraram que esse fenômeno não foi um preditor do apego ao lugar, pois por meio dele houve a destruição das moradias e conseqüentemente uma diminuição no apego ao lugar. Já o estudo dedicado à relação da identidade de lugar e apego demonstrou que estes dois conceitos referem-se a dimensões correlacionadas, mas distintas, e são influenciados por diferentes elementos. Ambos levam a uma percepção positiva, respectivamente, do lugar e de seus habitantes (Rollero&Piccoli, 2010).

Os estudos voltados às realocações de lugares, tanto com migrantes africanos (Bogac, 2009) quanto refugiados (Waite& Cook, 2011) comparam o apego dos participantes da primeira geração, ou seja, as pessoas que saíram de sua moradia, com a segunda geração, seus respectivos filhos. Ambos ressaltam que a primeira geração tem um menor apego ao lugar do que a segunda que nasceu e está familiarizada com este novo ambiente ressaltando a dimensão temporal do apego ao lugar.

Além disso, cabe destacar nesta revisão a variedade de fenômenos que são relacionados com o apego ao lugar. Este resultado também foi evidenciado na revisão de literatura realizada por Felipe e Kuhnen (2012b), as quais salientam a imprecisão nas definições utilizadas para indicar o apego ao lugar no contexto da complexidade dos fatos humanos e da Psicologia Ambiental. Giuliani (2004) salienta alguns termos utilizados para fazer referência a apego ao lugar — afiliação, apropriação, compromisso, dependência, enraizamento, investimento e pertencimento, os quais também denotam a indefinição das características da identificação do fenômeno.

#### **2.4.1. A moradia e a relação bidirecional com a pessoa**

A moradia é considerada como um dos lugares mais importantes para o indivíduo, pois nela a pessoa irá se desenvolver e constituir família (Moser, 1998). Quando a pessoa constrói sua casa, ela não só cria um ambiente físico, mas também um ambiente

psicológico, repleto de significados, que o tornasingular (Ittelsonet al., 2005). Estudos voltados à moradiasão positivamente correlacionados com apego ao lugar (Lewicka, 2005, 2010).Gans (1962) pesquisou apego à moradia em Boston e destacou que mesmo que os moradores de um cortiçonãoconsiderassem sua moradia um lugar fisicamente agradável para se viver, devido à existência de canos partidos e buracos no chão, os mesmosmoravam ali por sentir-se apegados a esse lugar.

Na pesquisa realizada porSaarinen (1966), muitas pessoas que se recusaram a sair da moradia quando lhes foi oferecida a oportunidade, revelaram que o residir emáreas de risco, bem como a incerteza em seu modo de vida,faziam parte de sua identidade. O orgulho pela capacidade de ficar e lutar pela sua moradia era mais forte do que mudar-se para outro lugar.Fried (2000) ressalta que devido à pessoa estar ligada emocionalmente com o lugar, o deslocamento da comunidade para outro localpode resultar em dor generalizada e pode motivar esforços para devolver e tentar reconstruir as comunidades que foram fisicamente e socialmente destruídas.

Em situações de desastres naturais, Wright e Storr (2009) pesquisaram o apego ao lugar, a dependência e a identidade em pessoas que reconstruíram suas casas após a ocorrência, em 2005, do furacãoKatrina. Foram entrevistados285 moradoresde New Orleans e Louisiana, nos Estados Unidos. Os resultados apontaram altos níveis de apego aolugar, identidade e dependência. Os autores salientam que após a ocorrência do furacão, os moradores tornaram-se mais conscientes do seu apego, identidade e dependência do lugar que residem. Esses aspectos colaboraram para o retorno dos participantes à moradia localizada em área de risco.Para Lima e Bomfim (2009) é a experiência concreta e cotidiana com o lugar que reside que permite que o apego ocorra, e estar apegado a um lugar dificulta apegar-se a outro, e consequentemente ter que sair dele.

Já na pesquisa realizada por Carroll, Morbey, Balogh e Araoz (2009) foram analisadosos impactos (na saúde e sociais) que as vítimas tiveram após a ocorrência da inundação em 2005, na cidade de Carlisle-Inglaterra. O estudo utilizou a perspectivaqualitativa ao realizar grupos focais com quatro a seis pessoas, assim como entrevistas individuais com pessoas que tiveram a casa inundada. Participaram da pesquisa 14 homens e 26 mulheres na faixa etária de 30 a 70 anos. A análisedos instrumentos foi conduzidapor meio de cinco estágios: familiarização (imersão nos dados), identificação (questões, conceitos e temas),

indexação (codificação), mapeamento das questões e temas e interpretação (seleção de citações, explicações).

Os resultados deste estudo apontaram que após a ocorrência do desastre natural os laços afetivos, bem como o sentimento de familiaridade com o lugar, diminuíram, pois nesse estudo as casas foram destruídas devido à ocorrência do desastre natural. Corroborando com os autores supracitados, Willox, Harper, Ford, Landman, Houle e Borda (2012) pesquisaram a relação entre as mudanças climáticas e o apego ao lugar e evidenciaram que houve uma diminuição do apego ao lugar devido a estas modificações alterarem as paisagens locais, refletindo em um impacto físico e emocional para a população. Os autores evidenciam o apego ao lugar como um indicador vital da saúde e do bem-estar da população e a mudança climática como um fator negativo a este apego. Martín, Hernández e Ruiz (2006) salientam que ambientes estressantes que proporcionam insegurança às pessoas que residem nesse local podem ocasionar uma diminuição do apego ao lugar.

E por fim, Mishra, Mazumdar e Suar (2010) pesquisaram a relação de apego ao lugar e a preparação para a ocorrência do desastre natural em Orissa, na Índia. Os autores utilizaram como variáveis o aspecto econômico, o geracional e o religioso. Para estudar o fenômeno, os pesquisadores criaram duas escalas, uma para mensurar o apego ao lugar e a outra para a preparação da inundação. Os dados foram coletados com 300 moradores em áreas consideradas de risco. Para analisar os dados foi utilizado o critério de validade e confiabilidade para as escalas, e regressão hierárquica foi realizada para determinar se os três fatores influenciaram na preparação do desastre natural. Dentre os resultados, o apego ao lugar obteve correlação positiva com a preparação da inundação. A análise de regressão revelou que as pessoas que tiveram recurso financeiro, bem como tinham sua família na cidade prepararam-se para a ocorrência da inundação, mas aqueles que possuem escores altos no item religião não se prepararam para os desastres naturais.

Diante de tais resultados é evidenciado que a complexidade do contexto físico em que as pessoas vivem e interagem deve ser considerada ao analisar o apego ao lugar. Além disso, nota-se que houve a ocorrência do apego à moradia de risco, porém os estudos foram divergentes no que tange ao aumento ou diminuição deste apego. A metodologia empregada oscilou entre a utilização de entrevista semiestruturada, grupo focal e escalas. Houve o predomínio de estudos com participantes adultos, devido a estes serem considerados os donos desta moradia e decidirem se irão permanecer ou não na casa. O número de participantes também variou de 40 a 300 e a inundação foi o desastre



natural mais pesquisado. Com base nestas reflexões, será apresentada a seguir a proposta metodológica desta pesquisa, que buscou compreender as características do apego à moradia localizada em área de risco numa perspectiva qualitativa e buscou responder a lacuna identificada nos estudos citados.

### **3. MÉTODO**

#### **3.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA**

Esta pesquisa de natureza qualitativa caracterizou-se como um estudo exploratóriodescritivo, pois buscou conhecer as características

dos fenômenos (Richardson, Peres, Wanderley, Correia & Peres, 1999) e descreveu a relação entre a pessoa e o ambiente, ou seja, o apego ao lugar em área de risco. O estudo teve um corte transversal, pois os dados informaram a situação no momento em que foi realizada a coleta dos dados (Sampiere, Collado & Lucio, 2006).

Foi utilizada a abordagem multimétodos para coletar os dados. Essa abordagem articula diferentes técnicas de pesquisa que possibilitam uma averiguação mais precisa da multiplicidade do fenômeno. Além disso, apreende os aspectos envolvidos na situação problema, de modo a evitar os vieses característicos das investigações que analisam apenas uma das dimensões do fenômeno. Os resultados produzidos por um instrumento auxiliam no desenvolvimento do seguinte, com possibilidade de complementar e confrontar os dados obtidos, de modo que os dados proporcionam maior segurança à análise final (Gunther, Elali & Pinheiro, 2004).

Para a análise dos dados adotou-se a perspectiva qualitativa, uma vez que teve como propósito compreender a realidade da pesquisa (Sampiere, Collado & Lucio, 2006) e aprofundar a temática investigada em virtude da escassez de produção científica sobre o tema em âmbito nacional. Tal enfoque permitiu o acesso às vivências, aos sentimentos e aos significados atribuídos à moradia de risco (Minayo & Sanches, 1993) e às características físicas da moradia. Considerando, portanto, o pressuposto epistemológico qualitativo, foram criadas as categorias, as subcategorias e os elementos de análise durante o processo da pesquisa (Creswell, 2007).

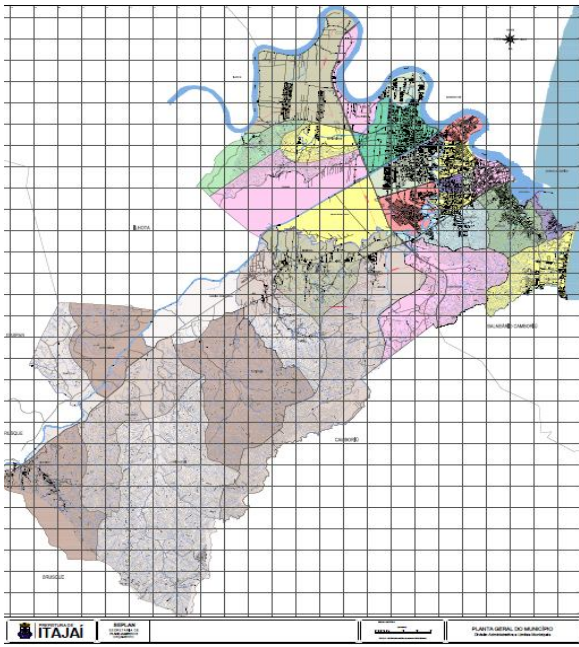
### 3.2. CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu em uma cidade localizada na Região do Vale do Itajaí em Santa Catarina. A mesma conta com aproximadamente 183.373 habitantes, numa área territorial de 289,345 km<sup>2</sup> e com densidade demográfica (hab/km<sup>2</sup>) de 633,75 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). Em 2008, a cidade teve um dos eventos climáticos mais extremos. A concentração de chuva em poucos dias, antecedida de um período longo de precipitações, provocou a ocorrência de inundações, movimentos de massa e enchente na bacia do Rio Itajaí (CEPED UFSC, 2011). Além deste desastre, a cidade também foi atingida pela inundação em 2011 e pela enxurrada (inundação brusca) em 2013. A cidade é caracterizada, em sua maior parte, por vales de forma

côncava, o que predispõe a ocorrência de inundações e deslizamentos de terra.

Em conjunto com a ocorrência de desastres naturais, outro problema a ser salientado é a ocupação das pessoas em área de risco. Esta caracteriza-se pela presença de fatores como a ausência de mata ciliar, poluição por pesticidas, efluentes industriais e domésticos (Dias, 2008), desmatamento, urbanização e ocupação de encostas e morros. A cidade está localizada entre as margens da Bacia do Itajaí (Mais, 2003), conforme é apresentado na Figura 04.

Figura 4- Imagem do município de Itajaí.



Fonte: Itajaí (2013)

### 3.3. PARTICIPANTES

Para a presente pesquisa foram consideradas as moradias que foram atingidas por algum tipo de desastre natural, característico da Região do Vale do Itajaí (inundação ou deslizamento de terra)

(CEPED/UFSC, 2011). Tais moradias estavam localizadas em áreas já reconhecidas e mapeadas pela Defesa Civil como área de risco, uma vez que se encontram perto de encostas, margens de rios e morros e com presença de resíduos tóxicos e lixo no solo.

Participaram deste estudo 19 moradores que residem em áreas de risco. Ressalta-se que um dos participantes foi excluído por não ter respondido todas as perguntas da entrevista. Desse modo, a pesquisa foi composta por 18 participantes, sendo dois homens e dezesseis mulheres. Utilizou-se o critério de saturação dos dados, onde foi realizada a suspensão de novos participantes quando os dados obtidos passaram a apresentar redundância ou repetição, de modo que a inclusão de novos participantes não contribuiria significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que foram coletados (Denzin & Lincoln, 1994).

A meta inicial era realizar 12 entrevistas a fim de atender aos critérios internacionais propostos por Francis, Johnston, Robertson, Glidewell, Entwistle, Eccles e Grimshaw (2010) e Guest, Bunce e Johnson (2006) para pesquisas qualitativas, onde por meio de evidências demonstradas pelos estudos desenvolvidos, constatou-se que, em amostras não probabilísticas, os dados começaram a ser delineados na sexta entrevista e a saturação teórica na 12ª entrevista. No entanto, neste estudo a referida saturação foi atingida na 18ª entrevista onde houve regularidade nas informações e a reincidência temática ao que foi proposto nos objetivos do presente estudo (Strauss & Corbin, 2008).

Ressalta-se que nesta pesquisa não houve preferência entre sujeitos casados e solteiros, homens ou mulheres, pois de acordo com Ruiz, Villodres e Vilela (1998), ambos são susceptíveis ao apego ao lugar. Foi pesquisado um dos moradores (homem ou mulher), ou seja, quem estivesse presente na casa no momento da coleta de dados. Desse modo, não utilizou-se a variável gênero como critério de inclusão.

A escolha dos participantes foi do tipo intencional, composta por procedimento não-probabilístico, uma vez que foram estabelecidos critérios de inclusão para os participantes: a) morar em uma área considerada de risco pela Defesa Civil; b) residir em uma moradia que já foi atingida por algum desastre natural característico da cidade (inundação ou deslizamento de terra); c) possuir a idade mínima de 18 anos no momento da ocorrência do desastre natural, pois os sujeitos menores que esta referida idade poderiam estar sob a tutela legal dos

país, e não ter a autonomia e/ou independência (financeira) suficiente para decidirem o lugar para morar.

### 3.4. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A utilização de diferentes métodos para coleta dos dados possibilitou descrever a dinâmica relacional entre pessoa e ambiente, de modo que proporcionou a obtenção de uma perspectiva ampla do fenômeno pesquisado (Günther, Elali & Pinheiro, 2004). Foram utilizados instrumentos que contribuíram para compreender o ambiente da pesquisa (moradia em área de risco – método centrado no ambiente), sendo esta a primeira etapa do estudo, e os sujeitos que residem nesse lugar (método centrado na pessoa), como a segunda etapa da investigação.

#### Método centrado no ambiente

##### *Etapa 1:*

- *Mapa da cidade* – buscou juntamente com a Defesa Civil localizar as áreas de risco através do mapa da cidade.
- *Walk-around-the-block* (“caminhada pelo local”) – estabeleceu-se o contato inicial com o local em estudo por meio da visita (Lynch & Rivlin, 1970) que foi realizada em companhia de um Agente da Defesa Civil, pois visou conhecer as principais áreas de risco do município de Itajaí, e posteriormente caracterizá-las, bem como identificar os riscos ambientais aos quais os participantes estavam expostos e descrever as características físicas da moradia relacionadas à experiência de apego ao lugar.
- *Documentação fotográfica*: é um documento sobre o ambiente em estudo, onde o pesquisador tira fotos deste lugar. Este instrumento permite posterior análise das informações e complementa os outros dados coletados. É utilizado para analisar o ambiente físico, possui baixo custo e rapidez no registro (Medeiros, 2005).

#### Método centrado na pessoa

##### *Etapa 2:*

- *Entrevista semiestruturada* (Apêndice 01): é um instrumento composto por um roteiro de perguntas ao qual podem ser inseridos novos questionamentos pelo pesquisador a fim de aprofundar ou esclarecer determinados pontos, possibilitando flexibilidade para compreender o objeto de estudo (May, 2004), além de permitir explorar dados objetivos e subjetivos na fala dos atores sociais (Minayo, 1992).

A entrevista buscou explorar as características demográficas dos participantes (idade, sexo, estado civil, classe social e número de filhos), o ambiente da pesquisa (moradia em área de risco), a relação afetiva com a moradia em área de risco (apego simbólico, apego funcional, apego temporal, etc.) e as implicações do desastre natural para os moradores. A utilização desse instrumento visou obter informações complementares àquelas produzidas durante a Etapa 1 e possibilitou analisar os significados afetivos atribuídos pelo indivíduo à moradia localizada em área de risco, descrever os julgamentos atribuídos pelo indivíduo à moradia de risco, identificar o tempo de vinculação da pessoa com a moradia e verificar as possíveis implicações do desastre natural no apego ao lugar.

### 3.5. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Primeiramente a pesquisadora entrou em contato com o Coordenador da Defesa Civil de Itajaí e com o Supervisor de Prevenção deste Órgão, com o objetivo de apresentar a pesquisa e solicitar a autorização por escrito para a realização da mesma (Apêndice 02). A partir disso, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, onde obteve-se o parecer favorável em 25 de Março de 2013 (Parecer nº 228897). Na primeira etapa do estudo foram identificadas as áreas de risco de Itajaí e os diferentes níveis (muito alto, alto, médio e baixo) aos quais estas áreas pertenciam, segundo a avaliação da Defesa Civil. Após essa identificação, foram selecionados, em conjunto com este Órgão, moradores residentes nas áreas consideradas de muito alto risco, com o objetivo de manter a homogeneidade do nível de risco das moradias pesquisadas. Para isso utilizou-se mapa da cidade e o mapeamento dos bairros já realizados por este órgão. Selecionadas as áreas de muito alto risco, foi realizada a caminhada pelo local da pesquisa em companhia de um agente da Defesa Civil por meio da observação e do registro

fotográfico do local com o objetivo de documentar as características físicas deste ambiente.

A partir da definição das áreas de risco e da caminhada pelo local foi realizada a visita domiciliar aos moradores dessas áreas buscando o contato com os possíveis participantes da pesquisa, a fim de explicar os objetivos da mesma e buscar a autorização destes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 03). Com o consentimento dos participantes, realizou-se a entrevista semiestruturada, que foi gravada em áudio com o objetivo de capturar a linguagem precisa da narrativa. As entrevistas tiveram a duração média de 35 minutos e ocorreram na própria residência dos participantes, estando presentes além do pesquisador e do entrevistado, o agente da Defesa Civil, o qual ficou ao lado de fora da casa, para que o participante se sentisse a vontade para responder as perguntas. As entrevistas foram transcritas e os dados analisados qualitativamente com o auxílio do Software Atlas-ti versão 5.5. A devolutiva à Defesa Civil e aos participantes ocorrerá após a defesa da dissertação.

### 3.6. PROCEDIMENTOS ÉTICOS

De acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisa que envolvem seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, de abril de 1997, na qual dispõe sobre a realização de pesquisas com seres humanos, salienta-se que essa pesquisa não acarretou danos físicos aos participantes. Durante a realização da entrevista os participantes lembraram-se dos desastres naturais já ocorridos em sua moradia e quatro deles choraram, principalmente pelo fato de uma semana antes da coleta de dados terem sido atingidos por uma enxurrada. A pesquisadora acolheu os participantes, e não houve a necessidade de realizar encaminhamento ao serviço de saúde mental do município.

De acordo com o código de Ética do Conselho Federal de Psicologia (2005), especificamente o artigo 16, que discorre sobre os aspectos éticos na realização de pesquisas científicas, ressalta-se que este estudo teve o caráter voluntário e foi explicado aos participantes os objetivos e a metodologia da pesquisa. Cabe ressaltar que, em função dos cuidados com o sigilo e considerando as características dos participantes, a identificação das entrevistas se deu por meio da sigla M seguida do número do participante, com o objetivo de garantir que a identidade dos moradores que participaram da pesquisa fosse



resguardada.

### 3.7. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados teve uma perspectiva qualitativa e foi realizada por meio da Grounded Theory (teoria fundamentada empiricamente) de Strauss e Corbin (2008), os quais a definem como um método indutivo para o desenvolvimento de modelos teóricos. Esta análise consistiu no estabelecimento de categorias, subcategorias e elementos de análise, após o processo de codificação dos dados, o qual foi realizado com auxílio do software Atlas/Ti 5.0®. Trata-se de um software voltado para a análise de dados qualitativos e é utilizado para a organização de grande quantidade de textos, informações de áudio, vídeo ou gráficos, além de contribuir na sistematização dos dados, no estabelecimento das relações e construções de categorias (Muhr, 2004).

A análise foi realizada seguindo uma sequência de passos e regras baseados nos autores Strauss e Corbin (2008): a) imersão nos dados coletados através de sistemáticas leituras das transcrições das entrevistas e dos resultados dos instrumentos “caminhando pelo local” e documentação fotográfica; b) codificação aberta dos dados, para posteriormente conceituá-los e categorizá-los por meio da análise das similaridades e diferenciações; c) nomeação das categorias de análise, caracterizada pelo processo de identificação de pontos nodais cuja similaridade possibilitou serem agrupados, e assim foram criadas as categorias; d) codificação axial, a qual consistiu na relação entre os dados, proporcionando as categorias, as subcategorias e os elementos de análise; e) integração final entre as categorias, buscando a compreensão do fenômeno estudado, sendo consideradas as singularidades dos significados e julgamentos voltados ao apego à moradia de risco. Em continuação, serão apresentados os resultados para sua posterior análise e discussão.



## 4. RESULTADOS

A apresentação dos resultados foi dividida em três partes, a fim de que os mesmos pudessem ser analisados sequencialmente. A primeira parte foi dedicada à caracterização do ambiente em que ocorreu a pesquisa devido à utilização dos instrumentos “caminhando no local” e documentação fotográfica; a segunda foi voltada à caracterização dos participantes; e a terceira foi referente às categorias de análise com a apresentação dos dados que emergiram da entrevista semiestruturada.

### 4.1. CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA

Em um primeiro momento, identificou-se as áreas de risco que já foram mapeadas pela Defesa Civil por meio do Mapa da Cidade de Itajaí. Os critérios utilizados por este órgão para avaliar o nível de risco das áreas, são a situação da residência, a localização e a ocorrência de deslizamentos ou de inundação próxima a casa. As áreas de risco são classificadas em níveis de risco baixo, médio, alto e muito alto. No risco baixo, os condicionantes geológicos-geotécnicos (inclinação, tipo de terreno, etc.) e o nível de intervenção no ambiente são considerados de baixo ou nenhuma potencialidade para o desenvolvimento de processo de deslizamentos (encostas), solapamentos<sup>3</sup> (margens do córrego) ou inundação. Não existem evidências de instabilidade nas margens de drenagem. Mantidas as condicionantes existentes nesta localidade não estima a ocorrência de eventos destrutivos no período compreendido por uma estação chuvosa (Defesa Civil, 2013).

Já para o médio risco, os condicionantes geológicos-geotécnicos (inclinação, tipo de terreno, etc.) e o nível de intervenção no setor são de média potencialidade para o desenvolvimento de processo de deslizamentos, solapamentos ou inundação. Observa-se a presença de algum sinal de instabilidade, porém incipiente. Mantêm-se os condicionantes existentes e é considerada reduzida a possibilidade de ocorrência de eventos destrutivos durante episódios de chuvas intensas e prolongadas, no período compreendido por uma estação chuvosa (Defesa Civil, 2013).

Para o risco alto, os condicionantes geológico-geotécnico e o nível de intervenção no setor são de alta potencialidade para o

---

<sup>3</sup> Queda das encostas provocadas pelo aprofundamento das calhas fluviais e erosões das margens dos cursos d'água.

desenvolvimento de processos de deslizamentos, solapamentos ou inundação. Nota-se que há a presença de significativa feição de instabilidade, como por exemplo, trincas no solo, degraus de abatimento. Processo de instabilização em pleno desenvolvimento, ainda sendo possível monitorar a evolução do processo. Mantidas as condições existentes é possível a ocorrência de eventos destrutivos durante episódios de chuvas intensas e prolongadas (Defesa Civil, 2013).

E por fim, as residências com risco muito alto onde os dezoito participantes residem ou residiam<sup>4</sup>. Os condicionantes geológico-geotécnico e o nível de intervenção no setor são de muito alta potencialidade para o desenvolvimento de processos de deslizamentos, solapamentos ou inundação. As evidências de instabilidade, como por exemplo, trincas em moradia, muros de contenção, cicatrizes de deslizamentos, postes ou árvores inclinadas, feições erosivas, proximidade da moradia em relação à margem de córregos, etc. são expressivas e estão presentes em grau, número e magnitude. Processo de instabilização em avançado estágio de desenvolvimento. Torna-se impossível monitorar a evolução do processo, dado seu elevado estágio de desenvolvimento. Mantidas as condições existentes sendo muito provável a ocorrência de eventos destrutivos durante episódios de chuvas intensas e prolongadas, no período compreendido por uma estação chuvosa (Defesa Civil, 2013).

Em um segundo momento realizou-se a caminhada (*Walk-around-the-block*) e a documentação fotográfica das principais áreas de muito alto risco em companhia de um Agente da Defesa Civil. Por meio destes instrumentos identificou-se a ausência de saneamento básico nestas áreas, a qual é demonstrada pela falta de tratamento de esgoto, seja pela destinação deste nos morros (Figura 05) ou nos rios (Figura 06). Há habitações invadindo parcialmente o leito do rio (Figura 07). Os serviços de água e eletricidade, muitas vezes, são clandestinos de modo que alguns moradores fazem sua própria fiação elétrica (Figura 08), ligando a luz da sua casa diretamente ao poste, não recebendo desse modo a conta de luz. O lixo é jogado pelos moradores nas ruas e no rio, e não há um serviço de coleta de lixo. O material utilizado para a construção das casas é a madeira (n=15), seguido de construções mistas<sup>5</sup> (n=2) e alvenaria (n=1). Destaca-se também que, durante a caminhada no

---

<sup>4</sup> Cinco dos dezoito participantes, após a coleta de dados, foram removidos de sua moradia devido ao risco muito alto de desmoronamento.

<sup>5</sup> São casas construídas com material de madeira e alvenaria.

local, observou-se que algumas áreas de risco são provocadas devido a intervenções antrópicas<sup>6</sup>, havendo cortes em altas declividades do terreno (Figura 09).

Figura 5- Saneamento básico



Fonte: desenvolvido pelo autor

Figura 6- Esgoto destinado ao rio



Fonte: desenvolvido pelo autor

---

<sup>6</sup> Ações do homem.

Figura 7- Habitação invadindo o leito do rio



Fonte: desenvolvido pelo autor

Figura 8- Fiação elétrica feita pelos próprios moradores



Fonte: desenvolvido pelo autor

Figura 9- Declividade do morro



Fonte: desenvolvido pelo autor

Estas áreas de risco estão localizadas em áreas de invasão, sendo proibida a ocupação deste lugar, de modo que os participantes não têm a escritura da moradia. Estes moradores apropriam-se do terreno por meio da Usucapião<sup>7</sup>. Nesta cidade, as áreas de risco são caracterizadas por ocupação em área de encosta (8) ou em área perto do rio (10).

#### **4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Para caracterizar a população desta pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual buscou explorar as características demográficas dos participantes, o contexto da pesquisa (moradia em área de risco), a relação afetiva com a moradia em área de risco (apego simbólico, apego funcional, apego temporal, etc.) e as implicações do desastre natural para a população atingida. O Quadro 2 apresenta as informações referentes aos dados sócio-demográficos dos participantes: sexo, idade, escolaridade, estado civil, renda familiar, filhos, pessoas que residem na casa, quantas vezes os participantes já foram atingidos por algum desastre natural desde que moram nesta casa, tempo de residência, em qual área de risco residem (encosta ou perto do rio) e quantas vezes mudaram de residência.

---

<sup>7</sup>É a aquisição da propriedade e dos direitos desta por meio da posse ininterrupta durante determinado prazo, sob as condições legais que lhes são inerentes, a qual se apoia principalmente na desocupação prolongada do proprietário (Cordeiro, 2011).

Quadro 2- Caracterização dos participantes da pesquisa

<i>Participante</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Estado Civil</i>	<i>Renda familiar</i>	<i>Filhos</i>	<i>Moram na casa</i>	<i>Casa atingida por desastre natural</i>	<i>Tempo de moradia</i>	<i>Área de risco</i>	<i>Mudança de residência</i>
M1	F	40 anos	Analfabeta	Casada	Um salário	Nove	Três pessoas	Primeiro desastre	Oito anos	Encosta	Mudou-se oito vezes
M2	F	54 anos	Ens. Fund. Incompleto	Viúva	Dois salários	Quatro	Três pessoas	Segundo desastre	Dezessete anos	Encosta	Mudou-se duas vezes
M3	M	49 anos	Ens. Fund. Incompleto	Casado	Três salários	Três	Seis pessoas	Terceiro desastre	Seis anos	Próximo ao rio	Mudou-se quatro vezes
M4	F	29 anos	Ens. Médio completo	Casada	Um salário	Dois	Quatro pessoas	Terceiro desastre	Quatro anos	Próximo ao rio	Mudou-se cinco vezes
M5	F	42 anos	Ens. Fund. Incompleto	Solteira	Dois salários	Sete	Dez pessoas	Terceiro desastre	Onze anos	Próximo ao rio	Mudou-se quatro vezes



M6	F	66 anos	Ens. Fund. Incompleto	Casada	Dois salários	Cinco	Duas pessoas	Segundo desastre	Três anos	Próximo ao rio	Mudou-se cinco vezes
M7	M	26 anos	Ens. Fund. Incompleto	Casado	Dois salários	Três	Quatro pessoas	Segundo desastre	Onze anos	Próximo ao rio	Mudou-se três vezes
M8	F	39 anos	Ens. Fund. Incompleto	Solteira	Um salário	Seis	Quatro pessoas	Primeiro desastre	Três anos	Encosta	Mudou-se três vezes
M9	F	30 anos	Ens. Fund. Completo	Casada	Um salário	Três	Cinco pessoas	Segundo desastre	Um ano	Encosta	Mudou-se duas vezes
M10	F	29 anos	Ens. Fund. Incompleto	Casada	Dois salários	Quatro	Nove pessoas	Segundo desastre	Quatro anos	Próximo ao rio	Mudou-se duas vezes
M11	F	69 anos	Analfabeta	Casada	Dois salários	Dois	Duas pessoas	Terceiro desastre	Oito anos	Próximo ao rio	Mudou-se três vezes
M12	F	35 anos	Ens. Fund. Incompleto	Casada	Quatro salários	Um	Quatro pessoas	Primeiro desastre	Um ano	Encosta	Mudou-se duas vezes
M13	F	56 anos	Analfabeta	Viúva	Dois salários	Um	Sete pessoas	Segundo desastre	Trinta anos	Próximo ao rio	Mudou-se cinco vezes
M14	F	59 anos	Ens. Fund. Incompleto	Viúva	Um salário	Oito	Duas pessoas	Terceiro desastre	Cinco anos	Próximo ao rio	Mudou-se três vezes
M15	F	29 anos	Ens. Fund. Incompleto	Solteira	Dois salários	Cinco	Oito pessoas	Terceiro desastre	Vinte nove anos	Próximo ao rio	Mudou-se uma vez
M16	F	19 anos	Ens. Médio Incompleto	Casada	Um salário	Dois	Quatro pessoas	Primeiro desastre	Um ano	Encosta	Mudou-se duas vezes

M17	F	49 anos	Ens. Fund. Incompleto	Viúva	Dois salários	Um	Três pessoas	Primeiro desastre	Vinte e cinco anos	Encosta	Mudou-se duas vezes
M18	F	19 anos	Ens. Fund. Completo	Casada	Dois salários	Um	Três pessoas	Primeiro desastre	Três anos	Encosta	Mudou-se duas vezes

Fonte: desenvolvido pelo autor

Dos 18 participantes que compuseram esta pesquisa, 16 eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. Com relação à idade, a média foi de 41 anos e cinco meses. A maioria dos participantes tinha ensino fundamental incompleto (n=11), seguido de analfabeto (n=3), ensino fundamental completo (n=2), ensino médio completo (n=1) e incompleto (n=1). Sobre o estado civil, onze participantes eram casados, quatro viúvos e três eram solteiros. No quesito renda familiar, a maioria dos participantes (n=10) ganham dois salários mínimos, seguidos de um salário (n=6), três (n=1) e quatro salários (n=1). Dez pessoas tinham de um a três filhos, seis participantes de quatro a seis filhos e dois de sete a nove filhos. Treze participantes relataram que moram na casa até cinco pessoas, e os demais entre seis e 10 residentes.

O tempo de moradia dos participantes variou de um a 30 anos. Três pessoas moram há um ano na casa, quatro, há três anos, dois, há quatro anos, um, há cinco anos, um mora há seis anos, dois participantes, há oito anos, um, há 17 anos, um mora há 25 anos, um, há 29 e um, há 30 anos. A média de tempo de residência foi em torno de oito anos. Ressalta-se que a maioria dos participantes (n=10) reside na casa no máximo há cinco anos. A respeito das mudanças de residência 12 participantes mudaram de uma a três vezes de casa, seguido das cinco pessoas que mudaram de casa quatro a seis vezes e um participante mudou-se oito vezes de casa dentro da mesma cidade.

Acerca da ocorrência do desastre natural obteve-se um resultado equivalente, pois seis participantes tiveram sua casa atingida pela primeira vez por um desastre (Abril/2013), seis foram atingidos pela segunda vez (2013 e 2011) e seis pela terceira vez (2008, 2011 e 2013). Todos os participantes possuem casa própria, residem em área de risco e tinham sua casa interditada pela Defesa Civil devido a esta proporcionar perigo à vida das pessoas que residem neste lugar. Dez deles moram perto do rio e oito residem perto ou nas encostas. Além destes resultados, destaca-se também que, após a coleta de dados, cinco participantes foram removidos de sua moradia devido ao risco de haver deslizamento de terra e atingir novamente a casa.

#### 4.3 APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias de análise foram construídas com base no conjunto de verbalizações produzidas nas entrevistas semiestruturadas. No que diz respeito à nomeação das categorias, esta baseou-se no referencial teórico do Apego ao Lugar de Giuliani (2003, 2004) e

nas narrativas propriamente ditas dos participantes. Esse agrupamento possibilitou a organização dos dados em uma sequência de duas grandes categorias de análise que pretenderam abarcar as significações e os julgamentos dos participantes em relação à temática estudada, partindo dos aspectos mais globais dos conceitos gerais que contemplam o apego ao lugar, para os conhecimentos mais específicos da vivência e das relações voltadas às dimensões deste apego, objetivando assim esclarecer os aspectos que se relacionaram e que foram considerados pertinentes a análise.

O conjunto das duas grandes categorias foi formado respectivamente por subcategorias e elementos de análise que tornaram visíveis assemelhanças e diferenças entre os diversos participantes a respeito do fenômeno estudado, as quais serão apresentadas a seguir no Quadro 03. Nele foi evidenciada a organização total das categorias, subcategorias e elementos de análise, sendo que a ordem escolhida para a apresentação das mesmas foi semelhante à sequência adotada para o agrupamento das categorias. Na sequência serão apresentadas as definições das categorias e subcategorias.

#### **4.3.1. Definição das categorias e subcategorias**

**1. Dimensão funcional do apego** – julgamento e avaliação do lugar frente às necessidades do indivíduo, disposição de recursos e condições desse lugar para realizar as atividades desejadas pela pessoa e a manutenção das qualidades ambientais que satisfazem suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais.

**1.1 Satisfação das necessidades** – a pessoa consegue suprir alguma necessidade neste lugar, de modo que a disposição dos recursos e condições da casa é suficiente para realizar alguma atividade desejada pela pessoa.

**1.2 Insatisfação das necessidades** – a disposição de recursos e condições da casa não supre alguma necessidade da pessoa e não é suficiente para realizar alguma atividade desejada pela mesma.

**1.3 Julgamento positivo do ambiente** – a pessoa avalia positivamente o ambiente que reside.

**1.4 Julgamento negativo do ambiente** – a pessoa avalia negativamente o ambiente que reside.

**1.5 Manutenção do ambiente** – o que a pessoa faz ou deixa de alterar no ambiente para suprir suas necessidades.

**1. Dimensão simbólica do apego** – significado atribuído ao lugar e os elementos significativos para a identidade do indivíduo.

**2.1 Um lugar para ser chamado de meu** – significados voltados ao pertencimento ao lugar.

**2.2. Construída com esforço** – significados voltados ao esforço realizado pelos participantes para obter a casa própria.

Ressalta-se que não criou-se categoria para a dimensão temporal do apego por tratar-se do tempo de vinculação com o lugar e a quantidade de mudanças das residências, as quais foram contempladas na caracterização dos participantes e serão retomadas na análise e discussão dos resultados.

Quadro 3- Síntese geral das categorias, subcategorias e elementos de análise

<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>ELEMENTOS DE ANÁLISE</b>
<b>CATEGORIA 1 DIMENSÃO FUNCIONAL DO APEGO</b>	1.1 Satisfação das necessidades	<i>1.1.1 Lugar para criar os filhos 1.1.2 Privacidade 1.1.3 Lugar para morar 1.1.4 Não depende dos outros 1.1.5 Não ter outro lugar 1.1.6 Não paga aluguel</i>
	1.2 Insatisfação das necessidades	<i>1.2.1 Frio da beira do rio 1.2.2 Água que falta muito 1.2.3 Ocorrência do desastre 1.2.4 Medo 1.2.5 Insegurança 1.2.6 Perda de móveis 1.2.7 Cheiro ruim do esgoto 1.2.8 Casa localizada no morro</i>
	1.3 Julgamento positivo do ambiente	<i>1.3.1 Casa barata 1.3.2 Perto de tudo 1.3.3 Lugar sossegado</i>

	1.4 Julgamento negativo do ambiente	<i>1.4.1 É longe de tudo</i> <i>1.4.2 Lugar perigoso</i> <i>1.4.3 Risco evidente</i> <i>1.4.4 Casa está destruindo</i> <i>1.4.5 Casa fora dos quadros</i>
	1.5 Manutenção do ambiente	<i>1.5.1 Cuidar da casa</i> <i>1.5.2 Reconstruir a casa</i> <i>1.5.3 Ajuda de órgão público</i> <i>1.5.4 Diminuiu a vontade de limpar a casa</i>
<b>CATEGORIA 2</b> <b>DIMENSÃO</b> <b>SIMBÓLICA DO</b> <b>APEGO</b>	2.1 Um lugar para ser chamado de meu	<i>2.1.1 Meu cantinho</i> <i>2.1.2 Meu porto seguro</i> <i>2.1.3 Minha casa</i> <i>2.1.4 Minha liberdade</i> <i>2.1.5 Primeira casa própria</i>
	2.2 Construída com esforço	<i>2.2.1 Sonho que se realizou</i> <i>2.2.2 Batalhou para ter a casa própria</i> <i>2.2.3 Casa é tudo para mim</i>

Fonte: desenvolvido pelo autor

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A compreensão das características do apego à moradia localizada em área de risco permeia a análise da relação pessoa-ambiente, a qual será discutida neste capítulo com base nos resultados provenientes dos instrumentos caminhada pelo local, documentação fotográfica e entrevista semiestruturada. Este capítulo está dividido em três partes: a primeira parte é composta pela análise da caracterização do ambiente da pesquisa. Na sequência tem-se a caracterização dos participantes. Na terceira parte é realizada a análise e discussão da entrevista semiestruturada com suas respectivas categorias, subcategorias e elementos de análise, as quais foram apresentadas conforme a sequência das categorias de análise e por fim, será apresentado um quadro explicativo a fim de retomar os objetivos, instrumentos e principais resultados.

### 5.1 AMBIENTE DA PESQUISA

Com base na caminhada, bem como na documentação fotográfica, percebeu-se que se trata de um ambiente onde as pessoas apropriam-se do terreno por meio de Usucapião como direito de posse adquirido sobre um bem imóvel em função de haver utilizado tal bem por determinado lapso temporal, contínua e incontestadamente, como se fosse o real proprietário desse bem. Esta prática está regulamentada pela Constituição Federal de 1988, juntamente com o Código Civil (2002) e o Estatuto da Cidade, por meio da Lei n.º 10.257/01.

Em virtude da urbanização, as cidades estão modificando-se, acarretando diversos problemas sociais e estruturais (pessoas sem teto, ocupação em área de invasão, etc), uma vez que o crescimento econômico do país não acompanha proporcionalmente o crescimento demográfico. No Brasil, nas últimas cinco décadas, o crescimento urbano aumentou, haja vista que 80% da população reside em área urbana. Tal mudança do ambiente rural para o urbano ocasionou o chamado inchaço populacional, trazendo uma ocupação nas áreas de invasão e de risco. Assim, o legislador constituinte, atento inclusive às tensões sociais resultantes dos problemas enfrentados pelas pessoas sem-teto, instituiu por meio dos artigos 182 e 183 da

Lei n.º 10.257/2001 as regras de política urbana, objetivando uma solução para o problema da moradia no Brasil (Ramos, 2012). Diante desta problemática, a instituição da Usucapião Urbana foi posta como uma forma de auxiliar as pessoas que estavam sem teto, como uma forma de garantir o direito à moradia.

De acordo com a Lei nº 10.257/2001, aquele que ocupar até 250 m<sup>2</sup> durante cinco anos ininterruptos e sem oposição, utilizando a casa para sua moradia ou de sua família, adquirirá o domínio da propriedade, desde que não seja dono de outro imóvel rural ou urbano. Assim, a área urbana cumpre a função social quando destinada a satisfazer as necessidades da população de uma determinada região. Os parâmetros para a satisfação destas necessidades estão contemplados nos princípios da dignidade da pessoa humana, outorgados na Constituição Federal de 1988, contemplando o direito às cidades sustentáveis, à moradia digna, ao acesso a terra urbana, à educação, à saúde, ao meio ambiente, aos serviços públicos, ao transporte, à infraestrutura urbana, ao saneamento básico, ao lazer, ao trabalho e à cultura.

Embora todos esses direitos sejam garantidos por lei, muitos deles não são executados para a população pesquisada, principalmente no que tange à infraestrutura urbana e ao saneamento básico, pois os participantes pesquisados residem em área com risco muito alto, onde há evidências de instabilidade, como por exemplo, trincas em moradia, muros de contenção, cicatrizes de deslizamentos, postes ou árvores inclinadas, feições erosivas e proximidade da moradia em relação à margem de córregos, tanto que se tornou difícil para a Defesa Civil monitorar a evolução deste processo, dado seu elevado estágio de desenvolvimento. É muito provável a ocorrência de desastre natural nesta área durante episódios de chuvas intensas e prolongadas, no período compreendido por uma estação chuvosa (Defesa Civil, 2013). Além destes riscos, há ausência de saneamento básico nestas áreas, a qual é demonstrada pela falta de tratamento de esgoto, e pela destinação deste nos morros ou nos rios. Há habitações invadindo parcialmente o leito do rio, com fundações em forma de estacas. Os serviços de água e eletricidade, muitas vezes, são clandestinos, de modo que alguns moradores fazem sua própria fiação elétrica, ligando a luz da sua casa diretamente ao poste, não recebendo a conta de luz. Esta ação pode ocasionar em incêndios. O lixo é jogado nas ruas e no rio, demonstrando a ausência de cuidado para com o meio ambiente, o qual pode contribuir para o aumento de insetos, ratos, baratas e outros agentes que disseminam doenças.



Hernández, Martín, Ruiz e Hidalgo (2010) evidenciaram em sua pesquisa a relação entre o apego ao lugar e o cuidado com o ambiente, seus resultados indicaram que a pouca vinculação afetiva com o lugar foi um importante preditor para o comportamento antiecológico. Este resultado será comparado com outros instrumentos a fim de verificar se há pouca vinculação afetiva com o lugar. Além disso, não há um serviço de coleta para que possa responsabilizar o morador pelo cuidado deste ambiente.

O material utilizado para a construção das casas é de madeira (n=15), seguido de construções mistas (n=2) e alvenaria (n=1). Destaca-se também as intervenções humanas, os cortes em altas declividades do terreno, o que corrobora para a ocorrência dos movimentos de massa. Esses lugares localizam-se em áreas de invasão, sendo proibida a ocupação, de modo que os moradores não têm a escritura da casa. Esta ação acarreta consequências como a diminuição dos espaços verdes nativos e a ameaça ao ecossistema local.

Nesta cidade as áreas de risco são caracterizadas devido à ocupação de encosta (8) ou próximo ao rio (10). Indo ao encontro dos resultados, Pisani (2004) salienta que as ações humanas presentes nos processos de ocupação sem planejamento e a ausência de projetos apropriados para a construção das moradias são os principais fatores que contribuem para a ocorrência das inundações e de seus impactos. Dentre as ações, o autor destaca: a retirada da vegetação e impermeabilização do solo; a modificação na topografia original do rio, podendo ocasionar estreitamento do leito do rio; presença de material sólido jogado no rio e transportado pelo curso d'água (esgoto sanitário, entulho de obras, lixo, etc); habitações que invadem leito do rio por meio de fundações em forma de estacas e trechos de ampliações das casas sobre pequenos aterros, dentre outros.

Com base nestes resultados nota-se que a relação destes participantes com a moradia caracteriza-se como uma relação de satisfação das necessidades, onde o ser humano usa este ambiente em benefício próprio, ficando como secundárias as consequências que estas ações trarão para o ecossistema, principalmente no que tange ao impacto ambiental e como isso contribui para a ocorrência do desastre natural. Esses resultados serão corroborados na dimensão funcional do apego ao lugar, indicando uma relação de dependência com o mesmo.

## 5.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Dos 18 participantes que compuseram esta pesquisa, 16 eram do sexo feminino e dois do masculino. Ambos foram susceptíveis ao apego ao lugar. Esses resultados vêm ao encontro do estudo realizado por Ruiz, Villodres e Vilela (1998), os quais encontraram que a variável sexo não foi uma preditora do apego ao lugar, pois não houve diferença entre homens e mulheres. Com relação à idade, a média foi de 41 anos e cinco meses. Neste quesito também não houve diferença entre a vinculação afetiva, pois tanto os adultos quanto os idosos estavam apegados à moradia. Medeiros (2005) também evidenciou estes achados, pois os fatores sexo e idade não acarretaram em implicações relevantes para o estabelecimento da relação afetiva. Em contrapartida com estes resultados, estudos com idosos (Rose, 2003) identificaram que os mesmos são mais apegados à moradia devido a terem maior dificuldade em adaptar-se e locomover-se de um lugar para outro, contribuindo para a permanência na casa. Além disso, muitos idosos possuem familiaridade com o lugar, pois residem há muito tempo no mesmo, de modo a prevalecer a dimensão temporal do apego.

A maioria dos participantes estudou até o ensino fundamental, seja incompleto (n=11) ou completo (n=2). Houve prevalência da renda familiar entre um salário (n=6) a dois salários mínimos (n=10). Estas duas variáveis contribuíram para o apego ao lugar, principalmente no que tange à dimensão funcional, pois ao terem uma menor escolaridade suas possibilidades de ascensão profissional e aumento salarial diminuem, o que contribuiu para permanecerem na moradia e sentirem-se satisfeitos nela.

Sobre o estado civil, a maioria dos 18 participantes era casado (n=11) e todos tinham filhos. A maior parte dos participantes (n=13) mora com até cinco familiares. Esta pesquisa identificou que ter filhos e familiares residindo juntamente com o participante foi uma variável que contribuiu para a ocorrência do apego, pois foi relatado que ter um lugar para cuidar dos filhos e residir faz com que se sintam satisfeitos com o mesmo. Esse resultado também foi encontrado na pesquisa de Ruiz, Villodres e Vilela (1998). Para os autores, as variáveis como estado civil, regime da residência (própria, alugada ou emprestada), número de casas anteriores, número de pessoas morando dentro da mesma casa e, ainda, ter filhos podem ser preditoras do apego.

O tempo de moradia dos participantes variou de um a 30 anos. A média de tempo de residência foi de oito anos. Ressalta-se que a maioria

dos participantes (n=10) residem no máximo há cinco anos. De acordo com Medeiros (2005), durante os ciclos da vida podem ocorrer várias ligações das pessoas com os lugares, como por exemplo a universidade, a casa dos pais, mesmo que tenham passado pouco tempo neste lugar (Medeiros, 2005), indicando o tempo de vinculação como consequência do apego.

Autores como Giuliani, Feldman e Barabotti (2003) discorrem que o tempo de residência pode não estar relacionado com a afetividade, pois isto consistiria que pessoas que mudaram diversas vezes não poderiam criar vínculo afetivo com estes lugares. Os mesmos defendem que mesmo tendo passado pouco tempo no local, as pessoas podem desenvolver laços emocionais como aquelas que residiram por um período maior de tempo. Além disso, apontam que a mobilidade é uma ação frente às necessidades dos indivíduos, de modo que a pessoa busca um novo lugar que atenda estas necessidades. Já para Gois (2005), o tempo de residência é fator fundamental para as relações de apego ao lugar, uma vez que a própria transformação do espaço em lugar precisa de tempo para que seja afetivamente investido de significações.

Nesse sentido, o tempo de residência é avaliado nesse estudo não necessariamente como um preditor ou uma variável independente, mas analisada juntamente com outros aspectos, especialmente com o número de residências anteriores, o que pode indicar uma maior facilidade na adaptação a novas situações, já que todos os participantes mudaram no mínimo de uma a três vezes de casa. Para efeito de análise, essas duas variáveis contemplam a dimensão temporal do apego ao lugar, a qual deriva de um longo processo de proximidade, gerando satisfação, segurança e bem-estar em razão da familiaridade com o lugar.

O tempo de vinculação com a moradia pode ser tanto gerador como resultado desta familiaridade. Sua característica é mais emocional que cognitiva, implicando sofrimento pela separação e dificuldade de substituição de um laço afetivo por outro, contribuindo para o desenvolvimento da identidade individual e comunitária, como igualmente identificado por Giuliani (2004). Como pode ser evidenciado nesta pesquisa, são pessoas que não residem no lugar onde nasceram, e que ao mínimo mudaram de casa de uma a três vezes, o que demonstra uma adaptação frente às necessidades do indivíduo, como ter uma casa própria, não precisar mais depender dos familiares, ter privacidade, ter um lugar para ser chamado de “meu”, etc, conforme informações obtidas na entrevista semiestruturada. Essa dimensão do apego foi uma

consequência das outras dimensões que serão discutidas a seguir, pois não foi por meio dela que o apego ao lugar surgiu, tanto que cinco moradores saíram de suas casas após a coleta de dados, o que demonstra que estavam insatisfeitos com o lugar e que não tiveram dificuldade de substituir o laço afetivo por outra moradia.

Acerca da ocorrência do desastre natural obteve-se um resultado equivalente, pois seis participantes tiveram sua casa atingida pela primeira vez (Abril/2013), seis foram atingidos pela segunda vez (em 2013 e 2011) e seis pela terceira vez (em 2008, 2011 e 2013). A frequência do desastre natural não foi uma variável que alterou o apego, pois todos os que sofreram ao menos uma vez o desastre relataram estar insatisfeitos com a moradia em virtude da ocorrência deste evento. No entanto, o desastre foi uma variável interveniente do apego ao lugar, pois implicou na diminuição deste fenômeno. Embora haja esta diminuição do fenômeno, todos os participantes possuem casa própria e este fator foi um dos principais motivos relatados pelos participantes para a permanência na moradia, mesmo que tenham sua casa interditada pela Defesa Civil devido ao risco de vida que correm.

### 5.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nestas categorias de análise foram discutidas duas dimensões do apego ao lugar, a funcional e a simbólica. As mesmas foram evidenciadas a partir das falas dos participantes. Na dimensão funcional dialogou-se sobre a satisfação e a insatisfação das necessidades humanas, a avaliação do ambiente e o que os participantes fazem ou deixam de alterar para suprir suas necessidades. Na dimensão simbólica foram analisados os significados que os moradores trouxeram sobre a moradia, emergindo em resultados voltados ao sentimento de pertencimento ao lugar e ao esforço realizado para construir a casa própria.

#### **Categoria 01- Dimensão funcional do apego**

Nessa categoria obteve-se um conjunto de conhecimentos voltados ao julgamento e à avaliação do lugar frente às necessidades dos pesquisados, à disposição dos recursos e às condições da moradia para a realização das atividades desejadas pelos moradores e ao que fazem ou deixam de fazer para manter ou mudar este ambiente a fim de satisfazerem suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Nesta dimensão, o espaço físico foi considerado um elemento

que interfere no comportamento humano que nele ocorre. De acordo com Giuliani (2003, 2004), o apego ao lugar se dá em razão da quantidade e importância das necessidades satisfetase como o indivíduo acredita que um determinado lugar é adequado para realizar suas atividades, sendo de característica mais cognitiva que emocional.

Nesse caso, o tempo de vinculação é considerado uma consequência da satisfação de necessidades da pessoa pelo lugar, e a estabilidade do laço afetivo varia de acordo com as alternativas ambientais disponíveis. Desse modo, o indivíduo passa a dirigir atenção ao lugar no sentido de garantir a manutenção das qualidades ambientais que satisfazem suas necessidades e ratificam sua identidade pessoal.

Na subcategoria **Satisfação das necessidades (1.1)** organizaram-se as narrativas dos participantes que conseguem suprir alguma necessidade na moradia, ou seja, a disposição dos recursos da casa é suficiente para realizar alguma atividade desejada pela pessoa. Uma das satisfações é ter um *lugar para criar os filhos (1.1.1)*, conforme é demonstrado por M04 e M05:

*É o local aonde eu posso criar meus filhos, sem ter ninguém que maltrate eles(...), é uma área que eu sei que não boa, mas é a única área que eu tenho, no momento, eu tenho que dar valor... (M04).*

*Então aqui mesmo caindo é um cantinho para eu abrigar meus filhos (M05).*

Estas falas remetem a pais e mães que, embora percebam a moradia como um lugar que não proporcione condições de conforto e segurança, acreditam que esta possibilita ter um lugar para criar e abrigar os filhos. Ter esta necessidade suprida é mais importante para os mesmos do que o risco que correm. Este motivo contribui para a permanência nesta moradia e fortalece a identidade de pais e provedores de seus filhos. Outra satisfação relatada pelos participantes é a *privacidade (1.1.2)*:

*Significa que é a minha privacidade. Eu gosto de ter meu cantinho, minha privacidade, meu mundinho (M04).*

A participante evidencia a necessidade que os moradores têm de ter um lugar em que possam ter sua privacidade. Ter um espaço sem

perturbação e incomodação. Demonstra a relação que a pessoa tem com a moradia de modo a contribuir para regulação emocional de quem faz uso deste espaço. Estes dados vão ao encontro de Medeiros (2005) que afirma que o ser humano busca um lugar onde possa satisfazer as suas necessidades e suas vontades, poder expressar-se, desenvolver-se e sentir-se à vontade naquele local. Outra necessidade que se interliga as satisfações expostas é ter um *lugar para morar* (1.1.3):

*Porque chove tudo dentro, não há lugar aonde não chove na minha casa. Eu tenho medo porque pode desaba em cima deles, mas mesmo assim eu gosto de morar aqui, porque eu tenho onde morar e não preciso pagar aluguel (M05).*

*Gostar a gente gosta, por que, é o único lugar que eu tenho para morar é este aqui. Se dissesse assim, você vai ter que sair de casa, eu não tenho para onde ir. Se eles quiserem recuperar o terreno, não tenho para onde ir, por que sem essa casa como é que eu iria viver? por que tem tanta gente que a gente vê na rua que está dormindo no chão, no piso, só com um cobertorzinho (M10).*

Neste elemento de análise é exposta a relação de dependência dos participantes com a casa, pois é o único lugar que têm para morar e esse fato já os deixa satisfeitos, pois antes ter um lar para morar do que dormir na rua. Esta ausência de opção contribui para a permanência no lugar, principalmente por terem uma renda de um a dois salários mínimos e sua escolaridade não contribuir para galgar outras vagas que proporcionem um aumento salarial. Embora a Defesa Civil interdite a casa, o terreno é propriedade do morador. Este tem o direito de morar neste local, como visto na análise do ambiente. Com isso, o participante *não depende dos outros* (1.1.4) para ter um lar, conforme os extratos abaixo:

*Na real a gente tem que gostar, por que a gente não tem outro lugar pra gente ir, por que é pior morar com parente ou com alguém assim, então pelo menos é da gente, e a gente fica de boa (M15).*

*Sim, me sinto satisfeita por que pelo menos eu não estou de favor na casa de ninguém, não dependo de aluguel e posso tocar a minha vida adiante. Assim, eu me sinto satisfeita (M16).*

Estas falas denotam a importância para os participantes de ter um lugar sem que para isso precisem dos outros. Os mesmos preferem correr o risco a morar com algum parente, pois assim podem ter sua liberdade, cuidar da casa da maneira que almejam e ter assim sua privacidade. Outro elemento, que colabora para que nesta subcategoria os participantes estejam em algum momento satisfeitos com sua moradia, é *não ter outro lugar (1.1.5)* para morar, conforme é elencado por M02 e M07:

***Eu não tenho para onde ir, não tenho condições de pagar um aluguel, de sair e pagar um aluguel. O meu motivo é esse***(M02).

***Porque nós temos que voltar, nós não temos para onde ir, nós voltamos, e limpamos tudo de novo, é único jeito de nós vivermos*** (M07).

Estas falas narram à trajetórias dos participantes, pois embora ocorra o desastre natural, os mesmos retornam à moradia por não ter outro lugar para residir que seja propriedade deles. Neste elemento de análise os moradores trazem novamente o fator econômico como motivo de permanência no lugar e isto faz com que estejam satisfeitos. Honorato (1999) salienta que estar num lugar porque gosta não é o mesmo que estar porque precisa, como é evidenciado nas falas dos participantes, indicando uma relação de dependência econômica com o lugar e a satisfação de necessidades, indo ao encontro dos resultados obtidos na caminhada ao local e na documentação fotográfica. Estes resultados são corroborados pelo elemento de análise *não paga aluguel (1.1.6)*, o qual é exemplificado na fala do M02 e M06:

***Por que ela é minha, não precisa pagar aluguel. Não precisa pagar aluguel, a casa é da gente. Até a gente tentou, mas não dá, não tem condições de sair daqui mesmo, não tem. Se eu pudesse sair eu saía, pra um lugar melhor. Mas como não tem condições, fica aqui*** (M02).

***Para mim a casa é para eu não pagar aluguel. A gente não paga aluguel, é um lugar para a gente viver*** (M06).

Estes relatos evidenciam a importância que o fator econômico tem na vida destes participantes, de modo que este aspecto torna-se uma variável que contribui para a ocorrência do apego funcional e para a permanência no lugar. Esta moradia possui esta característica que os atrai, ou seja, são áreas de invasão e risco, as quais não precisam pagar impostos e contas de luz e água, como visto no instrumento caminhada ao local, onde os participantes usam as regras do Usucapião para adquirir um imóvel.

Com base nestes elementos temáticos evidenciou-se que algumas necessidades básicas foram supridas ao residir nesta moradia de risco, como por exemplo alimentar, descansar, ter privacidade, proteger da chuva, ter onde morar, ter um lugar para criar os filhos, não precisar pagar aluguel, não ter que morar na casa de parentes e não ter outro lugar para morar. Estes são fatores importantes que contribuem para a dimensão funcional do apego ao lugar, de modo a colocá-lo como secundário em suas vidas, demonstrando uma relação de dependência com o lugar. De acordo com William e Vaske (2003), a dependência reflete a importância de um lugar no fornecimento de recursos e condições que apoiam as atividades e metas desejadas pela pessoa. Quando as necessidades são satisfeitas, não há a emergência de mudança de lugar.

Há situações em que a casa possui características físicas que geram a insatisfação no morador, com base nelas é que o mesmo reavalia sua permanência na moradia. Nesse sentido, a subcategoria **Insatisfação das necessidades(1.2)** contemplou as falas acerca da disposição de recursos e condições da casa que não suprem alguma necessidade do participante, ou seja, a qual não é suficiente para realizar a atividade desejada pela pessoa. Uma delas é o *frio da beira do rio(1.2.1)* que é destacado pela fala de M06:

*O que eu me sinto insatisfeita? É o frio da beira do rio. O ano passado a gente colocava quatro coberta para dormir(M06).*

Esta fala evidencia a disposição da moradia que dificulta o sono e a temperatura corporal da participante fazendo com que necessite buscar outros recursos (as cobertas) para aquecer-se. Outra insatisfação evidenciada é a *água que falta muito (1.2.2)*, conforme pode ser visto na fala de M13 e M15:

*Por que a gente nunca tem água, quer tomar banho, vai tomar banho às 10h da noite por que nunca tem(M13).*



***É triste, agora a gente está sem água, não deu nem pra lavar as crianças. Mal e mal fiz uma comida, que o meu pai pegou a bombona lá na Ressacada. Aí peguei e já fiz um macarrãozinho rapidinho ali pras crianças e a carne moída. Quero lavar, quero fazer as coisas, tenho que ficar aqui esperando o pai chegar de novo pra ver o que vão resolver (M15).***

Os depoimentos destes participantes demonstram as dificuldades e as limitações provocadas devido à falta de água potável, prejudicando a realização de atividades domésticas, como cozinhar, limpar a casa, bem como suprir as necessidades básicas, como tomar banho e beber água. Segundo Felipe (2010), o uso da água pode ser utilizado para estabelecer regras ao lugar, à cidade, ao bairro, como foi percebido nestas falas. A água muitas vezes é cortada para estes moradores que não contribuem no pagamento de impostos, transmitindo uma ordem e imposição de limites. Outra característica do ambiente que gera insatisfação aos moradores é a possibilidade da *ocorrência de desastre* (1.2.3):

***Agora eu não estou satisfeita, porque eu estou com o pé e minha mão atada. Eu não sei o que vai acontecer. Eu estou vivendo na sorte, eu digo assim que é dia a dia lidando com esse medo, principalmente à noite. Por mim eu já queria puxar meu colchão para a cozinha, minha televisão para cá, para nós dormirmos aqui. Que lá é mais inseguro, e aqui é mais seguro, mas eu pensei se é para acontecer aqui vai acontecer (M08).***

***Porque não tem sossego, quando tem sol a gente fica sossegado, mas quando chove é pior. A minha filha (...) está com começo de bronquite, de estar pegando chuva, vento, não é fácil, a outra minha filha também tem bronquite. Tirar do quentinho da cama, de madrugada, sair de baixo de chuva, não é fácil. Antes eu era apegada, mas agora desanimei de ficar aqui mesmo, por causa desses problemas mesmo, a gente não pode dormir sossegado, pois cada vez que vema chuva, eu e meu marido ficamos acordados até de manhã. Nós não dormimos sossegados. Quando chove demais a água entra direto na casa, já entrou água dentro do meu banheiro, veio barro, quase derrubou o banheiro (M09).***

As narrativas demonstram sentimentos de tristeza, impotência, medo e insegurança frente à ocorrência do desastre natural e ao risco que correm. Estes sentimentos aparecem principalmente à noite, pois foi quando o desastre ocorreu. Tanto M08 quanto M09 apresentam inquietação a partir da ocorrência deste evento, de modo a interferir no sono e na tranquilidade dos mesmos, trazendo consequências como a diminuição da imunidade e, com isso, o aparecimento de doença, como a bronquite relatada por M09.

A ocorrência do desastre traz diversos impactos aos moradores, notadamente aqueles que possuem poucos recursos financeiros para lidar com tal ocorrência. Quando o lugar não satisfaz mais as necessidades, a pessoa tem três escolhas: 1ª) permanece no lugar e o altera de modo que volte a suprir suas necessidades; 2ª) busca um novo lugar que atenda estas necessidades; 3ª) permanece na moradia aprendendo a lidar com tal insatisfação. Para a moradora M09, a ocorrência do desastre fez com que diminuísse o apego ao lugar, porém, devido à condição financeira, permaneceu na moradia. De acordo com Saile (1985), mesmo quando a interação com a moradia gera um sentimento de lar, este nem sempre reflete uma experiência positiva, pois pode trazer lembranças não tão prazerosas, como nesta pesquisa a experiência do desastre natural.

O lar muitas vezes é elencado pelos autores (Manzo, 2003) como sinônimo de proteção (Manzo, 2003), segurança (Felippe, 2010) e conforto e estas avaliações não são encontradas entre os entrevistados em virtude das características da moradia, também identificadas pela caminhada ao local e pela documentação fotográfica. Estes instrumentos evidenciaram a ausência de saneamento básico e de coleta de lixo, riscos de ocorrência de desastre (inundação e movimento de massa), casas com uma parte do cômodo destruída, etc. De acordo com Martín, Hernández e Ruiz (2006), ambientes que proporcionam risco e insegurança à população podem repercutir na diminuição do apego ao lugar, conforme foi evidenciado na fala de M09.

Corroborando com Saile (1985), os autores Guiliane Feldman (1993) salientam que ao falar de um sentimento negativo e de insatisfação como possibilidade de relação afetiva com o lugar, pode significar contradição ao termo “afetividade”, porém os mesmos exemplificam dizendo que pessoas que participaram de guerras podem ter uma carga afetiva com o lugar, no entanto isto não representa que estes são apegados ao mesmo, pois a carga emocional pode ser

gerada através de sentimentos negativos, como medo, tristeza, angústia, etc. Situações extremas como guerras e desastres, podem trazer o rompimento do vínculo emocional, gerando insatisfação e necessidade de mudança do lugar. Quando esta é impossibilitada, a pessoa tende a nutrir um sentimento de aversão ao local, visto como contrário às suas novas exigências e necessidades, principalmente quando envolvem investimentos financeiros dedicados a este lugar (Medeiros, 2005).

Devido à ocorrência do desastre e o risco que correm, os participantes relataram estarem insatisfeitos, pois sentem medo (1.2.4) deste evento voltar a acontecer.

***Eu tenho medo, eu tenho medo que desmorone esse morro. Tenho os meus filhos. Eu tenho um filho doente também. De um tempo pra cá está desmoronando um monte. O morro ele não era assim, agora está caindo tudo, a gente tem medo. Estou com muito medo agora de descer tudo*** (M02).

*Por causa desses barros, não tem como ficar sossegado, não tem mais como dormir, pois cada vez que começa a chover a gente fica com medo. Só que na enchente a gente perde as coisas e depois consegue, mas no barro não, o barro é perigoso, pois a gente pode estar dormindo e ele vem e mata toda a família* (M09).

Essas duas falas trazem a inquietação de quem reside em área de muito alto risco e que ao ocorrer um episódio como chuva intensa gera o sentimento de medo. Nestas falas os moradores relatam sobre o risco de haver deslizamentos e estes atingirem sua família. Quando chega a noite lhes vem à lembrança do desastre, de modo a repercutir em sentimentos de *insegurança* (1.2.5), como pode ser percebido na fala a seguir:

*Eu fiquei insegura com os meus filhos, aqui agora. Não que eu desgostei daqui. Eu me sinto insegura, se eu tivesse uma segurança que isso não fosse cair, com certeza eu iria permanecer aqui. Diminui o apego. A insegurança fez com que diminuísse. Eu estava no serviço e estava pensando que de repente a terra pode tremer. A casa dela pode cair em cima de nós. Pode ser que esteja dormindo com eles e isso acontece à noite* (M08).

O que pode ser observado na fala desta participante é o sentimento de insegurança gerado pela vivência do desastre natural. Na relação do apego ao lugar é gerado o sentimento de segurança e bem-estar à pessoa que faz uso deste lugar, porém isto não foi evidenciado nas falas dos participantes. Nesse sentido, este relato contribui para o trabalho no sentido de evidenciar que a insegurança, devido ao risco, juntamente com o sentimento de medo e a ocorrência do desastre natural, fez com que diminuísse o apego ao lugar. Este resultado também foi encontrado na pesquisa realizada por Carroll, Morbey, Balogh e Araoz (2009) ao analisarem os impactos (na saúde e sociais) em vítimas da ocorrência da inundação ocorrida em 2005 na cidade de Carlisle-Inglaterra. Os resultados deste estudo apontaram que, após a ocorrência do desastre, os laços afetivos, bem como o sentimento de familiaridade com o lugar, diminuíram, pois nesse estudo as casas foram destruídas, gerando sentimentos de insegurança e impotência.

Corroborando com os autores supracitados, Willox, Harper, Ford, Landman, Houle e Borda (2012) pesquisaram a relação entre as mudanças climáticas e o apego ao lugar e evidenciaram que houve uma diminuição nos sentimentos de apego ao lugar devido a estas mudanças alterarem as paisagens locais, refletindo em um impacto físico e emocional para a população, como será visto na avaliação dos participantes para com o ambiente. Os autores ressaltam que o apego ao lugar é um indicador vital à saúde e ao bem-estar da população. Já a mudança climática foi considerada como um fator negativo a este apego.

Wright e Storr (2009) pesquisaram o apego ao lugar, a dependência e a identidade em pessoas que reconstruíram suas casas após o furacão Katrina em 2005 em New Orleans e Louisiana, nos Estados Unidos. Os autores salientam que, após o desastre, os moradores se tornaram mais conscientes do seu apego, de sua identidade e dependência com o lugar. Esses aspectos colaboraram para o retorno dos participantes à moradia localizada em área de risco, pois puderam reconstruí-las. Este aspecto da manutenção do ambiente será apresentado em outra subcategoria a seguir.

Além do sentimento de medo e insegurança gerado devido à ocorrência do desastre, outra insatisfação relatada pelos participantes é a *perda de móveis (1.2.6)*, a qual pode ser exemplificada nos relatos de M13 e M14:

***Assim, desânimo, a gente fica desanimada. Por que tu olha as coisas, tu chega aqui e não ter um sofá pra sentar por que a***

*casa da minha filha lá em cima é bem pequenininha, muita coisa não dá pra botar, por que se tu botar onde é que vai botar as coisas dela? Muita coisa a gente deixou aqui embaixo, depois a gente botou tudo na rua, o lixeiro veio e carregou tudo(M13).*

***Perdi tudo que eu tinha dentro de casa, sofá novo que eu tinha, o meu jogo de cozinha que eu tinha acabado de comprar, minha mesa com as cadeiras tudo nova. Foi tudo, tudo, tudo, tudo, eu fiquei a zero. Fiquei a zero (M14).***

Estas falas demonstram sentimentos de desânimo, tristeza e impotência frente à perda dos móveis, que custaram a adquirir, devido ao desastre natural. A questão financeira aparece novamente nas falas, pois não tiveram dinheiro para comprar o que haviam perdido, como apresentado na fala de M13, a qual não tem um sofá para poder sentar. Outra característica física do ambiente que gera insatisfação é o *cheiro ruim do esgoto*(1.2.7), conforme apresentado pelas falas de M10 e M15:

***Por causa do mau cheiro que tem. Quando eles mexem ali vem um mau cheiro bem forte aqui para dentro. Daí assim o esgoto escorre, o esgoto de todas as casas lá de cima escorre tudo pra aqui. E o mau cheiro quando esquenta muito o sol, vem tudo para dentro (M10).***

***Vem um cheiro assim, ruim do esgoto do rio. Agora não é tanto, mas quando começar o verão mesmo, aquele podre do rio vem (M15).***

Estas narrativas evidenciam que o esgoto destinado na rua ou no rio, como visto na caminhada ao local e na documentação fotográfica, é motivo de insatisfação entre os moradores. Não há tratamento do esgoto nestas áreas de invasão e este cheiro piora quando algum morador o mexe, quando há maré alta e quando ocorre o verão. Além disso, a *casa localizada no morro*(1.2.8) também gerou insatisfação entre os moradores.

***Já pensei em morar em outro lugar, já pensei até em voltar pro aluguel, por que é um acesso muito ruim, assim, pra gente***

*que tem criança pequena é ruim. Sabe, é escada, é morro essas coisas assim, me deixam com bastante dificuldade (M16).*

*É mais difícil pra subir, pra descer, pra gente ir ao mercado, adquirir alguma coisa (M17).*

Estas falas contemplam a insatisfação dos moradores que residem em áreas de risco perto das encostas. Por residir nesta localidade, enfrentam as dificuldades de se locomover, adquirir móveis e ter que levá-los até a moradia, ir aos locais almejados, como mercado, hospital e escola. Desse modo, nesta subcategoria foram evidenciadas as insatisfações dos participantes como o frio da beira do rio, a água que falta muito, o cheiro ruim do esgoto e a casa que está localizada no morro. Além disso, foi relatada a ocorrência do desastre natural, a qual repercute em sentimentos como medo e insegurança e consequências como a perda dos móveis que contribuíram para a diminuição do apego ao lugar.

Embora haja estas insatisfações, Rapoport (1985) afirma que há sempre escolhas para permanecer ou mudar de residência, mesmo que estas sejam consideradas difíceis, como não ter condições financeiras, dificuldade em se adaptar a um novo lugar ou até proibição de residir neste local, pois se a pessoa reside naquele lugar, é porque algum aspecto deste ambiente lhe atraiu e, por algum motivo, este foi escolhido.

A subcategoria **Julgamento positivo ao ambiente (1.3)** integrou as avaliações positivas do ambiente em que os participantes residem. Segundo Wiesenfeld (1994), estas avaliações têm o propósito de conhecer as cognições e os comportamentos dos participantes com relação ao entorno com o qual interagem.

*Casa barata (1.3.1.)* foi um dos julgamentos voltados ao ambiente e, como discorre Rapoport (1985), esta foi uma das características da casa que atraiu os participantes, ou seja, por ser considerado um terreno barato e consequentemente ter a oportunidade de obter a casa própria, conforme é elencado por M02 e M12:

*Eu vim pra cá por que eu não tinha condições de comprar um terreno, uma casa cara, e a única solução foi comprar aqui, por que era barato (M02).*

*Na verdade, a gente conseguiu comprar este chão aqui porque foi barato. Aí a gente saiu do aluguel e veio pra cá (M12).*

Estes relatos evidenciam que muitas pessoas que moram em área de risco buscam um lugar para residir, que não precisem pagar aluguel e que possam ter uma propriedade que seja delas. Além disso, estas pessoas não pagam luz e água, como foi evidenciado na caminhada ao local, sendo um lugar atraente e propício para quem não tem condições financeiras. Por ser uma área de invasão e de risco não podem enquadrar-se no Programa Habitacional chamado “Minha Casa, Minha Vida<sup>8</sup>”.

A casa localizar-se *perto de tudo* (1.3.2) é outra avaliação positiva da moradia, conforme é evidenciado nas falas de M01 e M02:

*É mais perto pra mim. Para ir ao médico, a consulta, aqui é mais perto. É um lugar perto de igreja* (M01).

*Aqui é bom morar. A gente é pobre e é perto de tudo. A gente está no centro, quer ir ao hospital vai a pé, quer ir ao centro vai a pé. Não precisa pegar ônibus, não precisa ir de bicicleta, é tudo pertinho. Se fosse pra sair daqui eu queria assim pra um lugar perto, não ir pra longe. Eles querem tirar o pessoal daqui, querem botar não sei pra onde. A gente diz, a não, nós não vamos pra lá, fazemos de tudo pra ninguém ir pra lá. Sair de um lugar bom pra gente* (M02).

As falas demonstram a importância que tem para os mesmos residir em uma casa que está localizada perto dos locais que almejam ir. Esta característica da moradia contribui para a locomoção, de modo que não precisam dos outros e nem de um meio de transporte para chegar aos locais, como mercado e hospital, possibilitando um gasto a menos. Caso estes moradores sejam retirados de sua moradia devido aos riscos de desastres que correm esta será uma justificativa que eles utilizarão para permanecer nesta moradia, devido à localidade do lugar.

---

<sup>8</sup>É um programa habitacional do Governo Federal que possibilita o financiamento de imóveis em até 30 anos tendo como prioridade as famílias com menor poder aquisitivo. Ele possui critérios e regras para que se possa aderir a este programa (Brasil, 2013).

*Lugar sossegado(1.3.3)* foi outra característica ressaltada pelos participantes:

***Porque é sossegado aqui para morar, para dormir, não tem barulho(M06).***

*Eu gosto de morar aqui. É tranquilo, não tem aquele negócio de vizinho ficar fofocando, é cada um na sua. Eu chego, eu saio, as crianças chegam e saem. Bem tranquilo, muito bom morar aqui (M12).*

As falas do M06 e M12 trazem as justificativas que os levam a considerar este lugar como sossegado. Segundo M06, o lugar não tem barulho à noite, o que contribui para dormir. Já para M12 esta característica evidencia que este lugar não possui fofocas entre os vizinhos, de modo que cada um tem seu modo de levar a vida sem que o outro fique falando sobre isso.

Nesta subcategoria os participantes consideraram a moradia de risco como um lugar barato para adquirir. A mesma está localizada perto dos principais locais que almejam ir e por não haver barulhos e nem brigas entre os vizinhos a casa foi avaliada com um local sossegado para morar. No entanto, os moradores também tiveram algumas avaliações negativas voltadas ao ambiente, as quais foram contempladas na subcategoria **Julgamento negativo ao ambiente(1.4)**.

Contrapondo o elemento de análise *é perto de tudo*, alguns participantes ressaltaram que a localização de sua casa está *longe de tudo(1.4.1)*:

***Por causa do lugar, porque é longe de tudo, longe de uma creche, longe de um parquinho. Meus filhos querem brincar eles não sai do portão para fora (M04).***

*O problema daqui é que fica longe mercado, farmácia, tipo assim, as coisas que não tem aqui perto, é isso mesmo (M07).*

As falas salientam a distância que sua moradia tem dos lugares que almejam ir, como mercado, farmácia, creche e parquinho para os filhos, de modo a dificultar a locomoção até estes lugares. A casa também foi avaliada pelos participantes como um *lugar perigoso(1.4.2)*, conforme é demonstrado pelo extrato a seguir:



*Não, depois que começou a cair barro a primeira vez, aí eu já achei, não é uma área de risco, é bem perigoso, bem perigo mesmo(M16).*

Este participante traz em seu relato a casa que está localizada perto da encosta e quando há episódios de chuvas, revivem os sentimentos de medo e de insegurança. M16 relata que, a partir do momento em que viu que o barro estava caindo, percebeu que o lugar é era perigoso para morar. Indo ao encontro deste elemento de análise, outra característica do ambiente evidenciada foi o *risco evidente(1.4.3)* que o mesmo proporciona às pessoas que residem neste lugar.

*É nesse mês, foi a segunda vez. Por que está descendo muita areia e está tapando tudo. **Pode ver que veio toda aquela areia, tudo desceu e cada vez está ficando pior.** Daqui uns dias assim se a gente não cuidar, desce tudo, por que tá indo tudo para debaixo da casa, aí levanta a casa, como está esse piso aqui, às vezes corre água por baixo (M02).*

*Danificou mais do que já estava. **Se for olhar ao lado da casa, dá para ver, ela está toda arcada.** As paredes estão moles porque eu emendei com as coisas do guarda-roupa, por dentro também está toda remendada. O chão do meu quarto está caído. Na cozinha eu arranquei um pouco do assoalho porque tem muito buraco e coloquei esses forros de guarda-roupa, mas teve um dia que eu fui lavar para ficar bem limpinho, já estufou tudo. Ficou pior do que estava, mas fazer o quê? O banheiro também está caindo tudo (M04).*

Estes relatos evidenciam os riscos que os moradores correm ao residir em área que é propensa a ocorrência de desastres naturais. A maioria dos participantes tem sua casa construída por material de madeira, conforme demonstrado pelo instrumento caminhada ao local e documentação fotográfica. Esta característica é trazida na fala de ambos participantes, os quais relatam que sua moradia foi danificada pelo desastre. M02 relata sobre o risco que está percebendo ao cair areia e passar água debaixo de sua casa levantando o piso da cozinha e a casa. Já M04 traz em sua narrativa as características estruturais da moradia, ou seja, as paredes que estão moles, o chão do quarto, o banheiro que está

caindo e a cozinha que está com muito buraco. A participante tentou alterar estas características com os recursos que tinha, no entanto, isto não foi suficiente para mudar a estrutura da casa. Indo ao encontro das falas dos participantes, *acasa está destruindo (1.4.4)* foi outro elemento de análise que contempla a avaliação dos moradores, sendo destacado pelo relato de M05:

*Eu só vejo uma casa destruída. O que eu vejo hoje é isso. Eu fico olhando ao redor da minha casa, choro, mas eu me conformo, porque meus filhos me veem chorar e choram também. Eu relevo também. Agora com esse problema que a minha casa está caindo aos poucos. Já caiu para dentro, já caiu uma parte daqui, mas mesmo assim eu gosto de morar aqui(M05).*

A fala do M05 traz sobre o estado de conservação de sua casa, o qual está precário devido aos recorrentes desastres que a atingiram. A casa deste participante teve um dos cômodos destruído pela inundação trazendo sentimentos de tristeza e impotência frente a este evento. Este relato demonstra o que Gans (1962) encontrou como resultado em sua pesquisa sobre apego à moradia em Boston-USA. O autor destacou que, mesmo que os moradores de um cortiço considerem sua moradia um lugar fisicamente agradável para se viver devido à existência de canos partidos e buracos no chão, os mesmos moravam ali por sentirem-se apegados ao lugar. Outra característica abordada pelos participantes é a *casa fora dos quadros (1.4.5)*:

*A casa em si, eu não gosto de nada, porque ela está caindo. Está totalmente fora de estrutura para morar(M04).*

*Porque esse assoalho é tudo baixo. Essa casa é toda fora dos quadros. As coisas ficam tudo de lado(M06).*

As falas contemplam as condições físicas e estruturais da moradia, uma vez que os moradores referem-se ao estado de conservação de seu imóvel, ou seja, o chão que está caindo, o assoalho que é baixo e a casa que está inclinada. A cada ocorrência de desastre, estas características estruturais da moradia vão danificando-se mais. Na caminhada ao local da pesquisa percebeu-se que muitas casas são construídas pelos próprios moradores com material de madeira, o que contribui para terem um maior impacto do que as casas de alvenaria.

Nesta subcategoria foi debatido sobre os julgamentos negativos voltados ao ambiente. A moradia foi considerada um lugar perigoso para morar por apresentar um risco evidente para a população. Está localizada em uma área que está longe do supermercado, do hospital, da creche, dos espaços recreativos, dentro outros. Observou-se também que a ocorrência do desastre impactou na estrutura física da moradia, de modo que esta foi avaliada como uma casa que está destruída e fora dos quadros.

Ao analisar as avaliações dos participantes, nota-se que tiveram mais julgamentos negativos do que positivos ao lugar em virtude do impacto que o desastre ocasionou na moradia. Quando as expectativas não são atendidas naturalmente, a busca pode ser em procurar outro lugar ou construir mecanismos de intervenção para a satisfação dessas necessidades individuais, por meio da modificação do meio físico, influenciando todas as dimensões do ambiente, ou, mais raramente, adaptar-se ao meio (Medeiros, 2005).

A partir destas alterações na moradia criou-se a subcategoria **Manutenção do ambiente(1.5)**, a qual englobou as falas dos participantes sobre o que fazem ou deixam de alterar no ambiente para suprir suas necessidades. O ambiente frequentemente é percebido como fundamental para o estabelecimento do bem-estar físico e psicológico. A manutenção do ambiente é um processo cíclico e contínuo da interação pessoa-ambiente, por meio da modificação do ambiente físico (embelezamento, adaptação, otimização) e das pessoas e suas relações, para o estabelecimento de um ambiente como lar (Saile, 1985). A manutenção contemplou o elemento de análise *cuida da casa (1.5.1)*, o qual foi exemplificado pelas falas de M12 e M14:

*Então final de semana quando eu estou em casa eu gosto de limpar a casa, limpar a janela, lavar as roupas de cama. Fazer faxina, deixar tudo bem limpinho(M12).*

*Por que eu gosto das minhas coisas limpa (...) encerei tudo ali de manhã, só falta a cozinha, pra eu acabar de limpar (M14).*

Estas falas englobam as ações que os participantes fazem para alterar as condições de sujeira da casa, deixando o lugar limpo como almejam. Ainda que em condições precárias, percebe-se a busca por tornar esse espaço um lugar, dada a constante produção e apropriação desse espaço pelo ser humano, permitindo aos moradores imprimirem

suas marcas nesses espaços, estabelecendo relações de poder e subsistência. Os participantes também buscam *reconstruir a casa* (1.5.2):

*Agora eu consegui através de um amigo meu fazer prestação de madeira. Vai chegar amanhã as madeiras e essas daqui chegaram hoje. **Eu vou ficar pagando até o final do ano, para poder ter um local melhor para os meus filhos, para eles poderem sentar no chão, para eles poderem brincar, porque aqui nessa casa aonde a gente está é horrível. Eu não gosto que eles se arrastem no chão porque eu passo um produto no chão para ver se melhora um pouquinho, mas assim não dá para eles brincarem. O cercado a mesma coisa** (M4).*

A fala da participante demonstra que, mesmo com poucas condições financeiras, a mesma encontrou uma forma de reconstruir a casa por meio do pagamento em parcelas da madeira. Assim, a moradora terá um lugar onde seus filhos poderão sentar no chão e brincar. Para M04, alterar estas condições torna-se importante para ter um lugar agradável para viver. No entanto, outros participantes esperam a *ajuda de órgão público* (1.5.3) para sair do lugar ou melhorar a casa, conforme elencado na fala de M03 e M05:

*É difícil, por que o governo não ajudar a gente, vamos continuar pegando a terceira, a quarta, a quinta e sei lá até quantas, se não derem um jeito* (M03).

*Liguei para o João de Barro e eles falaram que não vem ajudar porque é uma área de invasão. Eu disse tem que cair o resto da minha casa para você me ajudar? Tenho meus netos e meus filhos tudo dentro de casa. Eu disse que podia ser uma madeira velha que eu nem ligo para arrumar a minha casa. A minha prima mandou um e-mail para a Record para pedir ajuda para mim, que eu precisava de ajuda de madeira, mas não fizeram nada* (M05).

As falas demonstram a busca dos participantes pelo auxílio do governo municipal e pelos programas da mídia para saírem de sua moradia, como elencado por M03 ou por materiais de construção que possam alterar as estruturas físicas da moradia, como relatado por M05. Por esta área ser considerada de invasão, os programas existentes no

município não contemplam estes moradores, pois estes não pagam impostos e conseqüentemente não têm escritura da casa.

O único programa que esta população tem direito é o Aluguel Social. Este programa é para as pessoas de baixa renda com casas interditadas pela Defesa Civil. O município contribui com até R\$ 600,00 durante um período de seis meses, desde que as pessoas saiam de sua moradia, como ocorreu com cinco participantes desta pesquisa. No entanto, após o término do programa, as pessoas têm duas escolhas: 1ª) sair da moradia, não tendo outro lugar para morar, pois a sua antiga casa não pode mais retornar, já que foi demolida ou outra pessoa está morando nesta casa e 2ª) pagar aluguel. Devido à realidade econômica desta população, dificilmente conseguem esse feito e, por isso, escolhem permanecer nesta moradia, assim não precisam pagar aluguel, luz e água.

Na espera da população para melhorar a casa ou sair da mesma por meio do auxílio de algum órgão público (Prefeitura, Defesa Civil ou Secretaria de Habitação) denota-se o assistencialismo da mesma, a qual não se percebe como corresponsável pelo cuidado de seu entorno, como identificado na caminhada ao local. No entanto, quando há interesse em realizar alterações na moradia, existe um programa chamado Projeto Vidas, vinculado à Secretaria da Habitação do município, onde os profissionais fiscalizam as áreas de invasão para não serem construídas mais casas e para que os moradores não alterem sua moradia atual, a fim de que não permaneçam por muito tempo nesta moradia, conforme demonstrado na fala de M14:

*A gente é obrigada a fazer alguma coisa, mas aí vem aqueles caras da moto, se a gente está fazendo alguma coisa eles já embargam, por que não pode (M14).*

Devido à ocorrência do desastre natural os participantes relataram que *diminuiu a vontade de limpar a casa (1.5.4):*

*Antes eu ligava muito para a limpeza, agora eu estou tão desanimada com a minha vida. Agora não tenho força para mais nada, só para fazer estopa. Que a minha casa antes era limpa, ajeitada e agora não é mais. Ela era caprichada, encerada, mas agora não é mais, porque essa enchente que vem e destrói tudo as coisas das gentes, eu limpo mais ou menos agora, antes eu limpava mais. A minha lembrança que*

*eu tinha é que a minha casa não era assim, era mais ajeitada, agora está tudo desabando (M05).*

*Eu limpo a casa porque sou obrigada mesmo, para não viver no meio da sujeira, porque **tem horas que não dá nem vontade de limpar, porque quando vem essa lama, esse barro,essa casa vira um nojo**”(M09).*

Estas falas demonstram o desânimo que sentem em virtude das consequências do desastre na moradia. Segundo as mesmas, a inundação ou movimento de massa vem e destrói suas casas interferindo em seu cuidado. Quando há episódios de chuva a água, a terra, os bichos e o lixo entram na casa, como relatado por M09.

Nesta subcategoria foram contempladas as a es que pessoas fazem para alterar as características da moradia, como cuidar e reconstruir a casa. No entanto, outros participantes relataram esperar ajuda do órgão público para sair ou arrumar a casa não se percebendo como corresponsáveis pelo cuidado do ambiente. Em virtude do desastre, os moradores relataram que a vontade de limpar a casa diminuiu.

A partir das subcategorias satisfa o e insatisfa o das necessidades, julgamento positivo e negativo voltado   moradia e a manuten o do ambiente obteve-se um conjunto de conhecimentos sobre as características e funcionalidades da moradia, indicando uma rela o de dependência e satisfa o das necessidades do morador para com sua moradia. A próxima categoria contemplará os significados atribuídos ao lugar, os elementos significativos para a identidade do indivíduo que atuam como intermediários na rela o pessoa-ambiente.

## **Categoria 2- Dimensão simbólica do apego**

Esta categoria foi construída com base na importância simbólica dada ao lugar pelos participantes. Por isso, dentre todos os lugares de convivência humana, os ambientes residenciais são únicos, singulares e demasiadamente ricos. Dotar de valor, como destaca Tuan (1983),   atribuir um significado a esse espaço. Essa atribui o de significados caracteriza-se como a segunda dimensão do apego ao lugar, conforme descrito por Giuliani (2004), a dimensão simbólica.

Esta dimensão trata dos aspectos simbólicos de origem individual e sociocultural que atuam como intermediários na rela o pessoa-ambiente. A mesma se d  por meio da importância simbólica de

um lugar, como um repositório de emoções e relacionamentos que dão sentido e propósito para a vida das pessoas que o utilizam. O tempo de vinculação, nesse caso, não é relevante, e a estabilidade do laço afetivo depende da relação entre o significado atribuído ao lugar e os elementos significativos para a identidade do indivíduo no momento da vinculação (Giuliani, 2004).

A subcategoria **Um lugar para ser chamado de meu (2.1)** integrou os significados voltados ao pertencimento ao lugar, como por exemplo, *meu cantinho (2.1.1)*, relatado pelos participantes.

*Ah, basicamente eu gosto de tudo, por que é o meu cantinho onde vou criar os meus filhos, tenho o meu lar (M16).*

Esta fala demonstra que o espaço tornou-se um lugar para a vida destas pessoas, por tratá-lo com afeto e por ter um lugar onde podem reservar-se. Segundo Tuan (1983), o espaço transforma-se em lugar uma vez que é reconhecido e dotado de valor pelos que ali residem. Outro significado atribuído a casa é *meu porto seguro (2.1.2)*, relatado pelos participantes.

*Quase igual palanque e banhado, mas é o meu porto seguro (M03).*

Esta narrativa demonstra que o morador pode acomodar-se e sentir-se seguro nesta moradia, principalmente por ter um lar e não necessitar residir na rua. Os significados atribuídos aos lugares não são estáticos, constituem-se de um processo dinâmico em constante transformação, atuando diferentemente nos pensamentos, sentimentos, interações sociais e bem-estar físico. Desta forma, os lugares terão significados diferentes para as pessoas (Gustafson, 2001; Purcell, Peron & Berto, 2001), sem que necessariamente ocorra um processo de identificação prévio a esse lugar (Alencar & Freire, 2007). *Minha casa (2.1.3)* foi outro significado atribuído pelos participantes, conforme destacado na fala de M02 e M18:

*Por que ela é minha assim, não precisa pagar aluguel. Não precisa pagar aluguel, a casa é da gente (M02).*

*Para mim, é um bem que eu tenho. É bem meu, posso dizer que é meu. Pode ser no morro, mas é meu (M18).*

As falas detonam o simbolismo de ter uma propriedade que não precisa pagar aluguel para obtê-la, sendo um lugar que podem chamar “meu”. As pessoas estabelecem relações de trocas subjetivas e objetivas com os lugares, emergindo em experiências e vivências que trazem uma pluralidade de aspectos simbólicos e afetivos a estes sujeitos que fazem uso desse lugar (Tuan, 1980). Assim, *minha liberdade (2.1.4)* foi outro aspecto simbólico atribuído à moradia, evidenciado na fala de M01 e M02:

*O que faz eu me apegar aqui? minha liberdade, minha independência, minha conquista (M01).*

*Eu vim morar aqui, porque eu morava com a minha mãe, ali perto do campo. Como eu queria ter uma casinha para mim, para os meus filhos, ter a minha liberdade, eu peguei e comprei aqui(M02).*

Estas falas trazem o simbolismo de ter seu próprio lugar, de modo a sentirem-se livres e independentes de seus familiares. Nesta relação pessoa-ambiente, a moradia contribui para a identidade da pessoa e para o crescimento pessoal. Além disso, para alguns participantes foi *aprimeira casa própria(2.1.5)* que tiveram:

*Porque foi a primeira casa que comprei. Foi assim que eu me casei, nós tivemos nossa casa(M07).*

*Por que foi a primeira casa que eu tive, a primeira alguma coisa, sabe quando tu tem alguma coisa? Eu gosto muito da minha casa (M13).*

Estas narrativas denotam a oportunidade que tiveram de ter a casa própria, principalmente por ser algo tão esperado que conseguiram alcançar. A fala de M07 menciona a importância que a moradia teve para a relação do casal, pois por meio da casa própria tiveram um lar e se casaram. M13 contempla seu apego à moradia através da importância do significado que esta moradia tem ao ser sua primeira casa própria.

A subcategoria **Construída com esforço(2.2.)** contemplou os significados voltados ao esforço realizado pelos participantes para ter a casa própria, como o *sonho que se realizou(2.2.1)*:



*Eu sempre morei de favor na casa dos outros. Eu toda vida tive o sonho de ter o meu cantinho, e eu conquistei o meu cantinho, então, foi um sonho que se realizou, comprar minhas coisinhas, algumas até foram ganhas, mas foi um sonho que se realizou(M01).*

A fala de M01 traz a conquista que teve ao obter a casa própria que tanto sonhava. Para a mesma foi uma oportunidade sem que dependa dos outros para alcançar este objetivo. *Batalhou para ter a casa própria(2.2.2):*

*Eu consegui assim batalhando. Eu consegui trabalhando, guardando dinheiro assim, pagando prestação. Às vezes um prego uma tábuia, uma coisa assim, foi sofrido, por isso eu acho que eu dou valor na minha casa. Se caso alguém vier e dizer assim te dou 10 reais pela tua casa eu não vou vender, eu não vou dar a minha casa por 10 reais. Por que eu sei que tem bem mais do que 10 reais aqui. Daí eu não entrego (M10).*

*Olha, significa bastante, essa casa aqui foi suada, não só financeiramente, cada tábuia dessa parede aqui foi eu e o meu marido que pregamos. Essa casa aqui foi tudo nós que fizemos.(...) Essa casa foi construída pelas nossas mãos. Cada prego que tem aqui foi tudo nós que botamos. Então isso já, acho que não precisa dizer nada. O que tu faz com as tuas próprias mãos, uma coisa que tu batalhou. O fato de você conseguir comprar a tua casa, já é uma vitória. Agora você fazer a tua casa que nem a gente fez, construindo tábuia por tábuia. Vinha final de semana, vinha de noite trabalhar aqui pra acabar logo a nossa casinha, é, não tem o que dizer(M12).*

Estas narrativas trazem à tona o esforço emocional, físico e financeiro que fizeram para ter um lar. As falas do M10 e M12 revelam que construíram com suas próprias mãos a moradia, como foi evidenciado pelo instrumento caminhada pelo local da pesquisa. Para os mesmos, cada tábuia que pregavam denota valor, sendo difícil renunciar a todo este simbolismo para ter outra casa. Com isso, os participantes

relataram a *casa é tudo para mim*(2.2.3), conforme é destacado na fala de M10:

*Pra mim, eu acho que é tudo, porque sem essa casa como é que eu iria viver? Por que tem tanta gente que a gente vê aí na rua, tem que estar dormindo no chão, no piso só com um cobertorzinho (M10).*

Esta fala evidencia a oportunidade de ter um lar onde podem abrigar-se, de modo a contribuir na regulação emocional, definição e qualificação da identidade pessoal de quem faz uso deste lugar. Com base nos significados atribuídos à moradia nestas duas subcategorias, percebeu-se a dificuldade dos participantes em abrir mão do “sonho realizado”, do “meu cantinho”, do “meu porto seguro”, da conquista e do valor em ter construído a moradia com suas próprias mãos. Estes aspectos simbólicos contribuem para a permanência na moradia e para o retorno a ela mesmo após o desastre.

A casa pode ser refeita, já a destruição do sonho é mais complexa e envolve mecanismos cognitivos que parecem manter dissociadas as questões que precisam de uma avaliação objetiva daquelas afetivas, de modo que esse lugar torna-se uma parte contribuinte para constituição da identidade daqueles que o habitam. Nesse sentido, Guiliani, Ferrara e Barabotti, S. (2003) chamam de apego disfuncional quando há dificuldade em deixar o local, mesmo quando é necessário, como em situações de desastres naturais. Os autores salientam que o apego deve ser desenvolvimento de modo que não prejudique o processo de adaptação natural das pessoas.

Com base no que foi evidenciado acima criou-se o Quadro 04, a fim de retomar os objetivos da pesquisa e destacar os principais resultados alcançados:

Quadro 4- Síntese dos resultados e sua relação com os objetivos e o método

Objetivos	Instrumento	Principais resultados
Identificar os riscos ambientais, aos quais os participantes estão expostos;	<i>Walk-around-the-block</i> (“caminhada pelo local”) e documentação fotográfica.	Os participantes residem em uma área de muito alto risco onde há evidências de instabilidade, como por exemplo, trincas em moradia, muros de contenção, cicatrizes de deslizamentos, postes ou árvores inclinadas, feições erosivas, proximidade da moradia em relação à margem de córregos. É muito provável a ocorrência de desastre natural nesta área durante episódios de chuvas intensas e prolongadas, no período compreendido por uma estação chuvosa, com a iminência de enxurradas e deslizamentos, uma vez que residem perto de encosta ou de rios. Além desse risco, a exposição ao esgoto que corre a céu aberto e o lixo que não é recolhido podem estar relacionados ao aumento de insetos, ratos, baratas e outros agentes que disseminam doenças. E por fim, os moradores fazem sua própria fiação elétrica podendo ocasionar incêndios.
Analisar os significados afetivos atribuídos pelo indivíduo à moradia localizada em área de risco;	Entrevista semiestruturada.	Os significados atribuídos à moradia voltaram-se ao pertencimento ao lugar, caracterizado como “meu cantinho”, “meu porto seguro”, “minha casa”, “minha liberdade” e “primeira casa própria”, e ao esforço realizado pelos participantes para ter a casa própria, como “sonho que se realizou”, “conquista”, “batalhou para ter a casa” e a “casa é tudo para mim”.

Descrever os julgamentos atribuídos pelo indivíduo à moradia de risco;	Entrevista semiestruturada.	Nesta pesquisa obtiveram-se julgamentos positivos caracterizados como “casa barata”, “é perto de tudo” e “lugar sossegado”. E julgamentos negativos como “é longe de tudo”, “lugar perigoso”, “risco evidente”, “casa está destruindo” e “casa fora dos quadros”. Nota-se que os participantes evidenciaram mais julgamentos negativos do que positivos ao ambiente.
Verificar as possíveis implicações do desastre natural no apego ao lugar.	<i>Walk-around-the-block</i> (“caminhada pelo local”), documentação fotográfica e entrevista semiestruturada.	Neste trabalho, a ocorrência do desastre natural implicou na diminuição do apego ao lugar, em virtude dos riscos que estes moradores passaram a correr, do sentimento de insegurança e medo ao residirem nesta moradia, da perda dos móveis, do impacto que o desastre ocasionou nas casas, de modo que em algumas delas houve destruição de uma parte do cômodo, inclinação na moradia, bem como diminuição do cuidado desta moradia.

Fonte: desenvolvido pelo autor

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa utilizou-se a abordagem multimétodos, a qual contribui para integrar e complementar os resultados, de modo que integrou diferentes instrumentos para compreender as características do apego à moradia de risco. Adotou-se uma perspectiva qualitativa, o que permitiu dar voz e colocar o protagonismo dos participantes. Os resultados obtidos nessa pesquisa contribuíram para a literatura na área da Psicologia Ambiental. Primeiramente por haver poucos estudos que contemplem as investigações voltadas ao apego ao lugar em âmbito nacional. Em segundo lugar, pela escassez de pesquisas que se preocupem em integrar este fenômeno a situações de desastres naturais.

No que tange ao apego ao lugar, notou-se que a dimensão funcional foi a mais evidenciada pelos participantes, isto ocorreu em virtude da importância da satisfação de algumas necessidades, como ter um lugar para morar e cuidar dos filhos, não precisar ficar na casa dos outros e não ter que pagar aluguel. Para os participantes, ter estas necessidades supridas é mais importante do que o risco que correm, demonstrando uma relação de dependência com o lugar. A questão econômica foi o fator que permeou as falas dos participantes, sendo identificado nesta pesquisa como uma variável fundamental para ocorrência do apego. Essa questão supera a insegurança e o medo e é um aspecto importante para a permanência na área de risco.

Já a insatisfação de algumas necessidades (conforto, segurança e bem-estar) foi evidenciada devido à ocorrência do desastre natural, da perda dos móveis, do risco que correm, de modo a propiciar sentimentos opostos ao apego ao lugar, tais como insegurança e medo. Tais fatores, juntamente com as características e avaliações negativas do ambiente, como ausência de saneamento básico, casa inclinada, destruição de algum cômodo da casa, ocasionaram a diminuição do apego ao lugar e do cuidado a este ambiente. Desse modo, identificou-se que nesta pesquisa o desastre natural não foi um preditor do apego ao lugar, pois contribuiu para diminuição da vinculação afetiva com o mesmo, tanto que cinco dos 18 participantes saíram de sua moradia após a pesquisa, devido a estas insatisfações.

Na dimensão simbólica percebeu-se a importância que o lugar tem para a pessoa que reside nele, pois obteve-se valores voltados ao pertencimento ao lugar e ao esforço dedicado à construção da tão sonhada moradia. Para alguns participantes, esta foi sua primeira casa própria, sendo um sonho que foi concretizado. Com base nesta

dimensão e na importância da satisfação das necessidades supracitadas, percebeu-se que os participantes são apegados à moradia e que estas dimensões contribuem para a permanência na casa, de modo que o tempo de vinculação com o lugar tornou-se uma consequência do apego. A maioria dos participantes reside no máximo há cinco anos na casa e estes mudaram de uma a três vezes de casa com o intuito de encontrar a casa própria. Nesse sentido, foi evidenciado que mesmo que os participantes residam há pouco tempo na moradia, os mesmos desenvolveram laços emocionais com o lugar.

Do ponto de vista metodológico, verificam-se algumas limitações da presente pesquisa. Identificou-se que houve a diminuição do apego ao lugar, no entanto não se pode destacar o valor desta diminuição de modo que necessitaria a inclusão de outro instrumento, como uma escala de medida psicológica, que pudesse mensurar este aspecto e confrontar os resultados advindos da entrevista semiestruturada. Outro aspecto a ser salientado, o qual interferiu na pesquisa, foi a presença do Agente da Defesa Civil no momento da entrevista semiestruturada, pois, embora o mesmo permanecesse ao lado de fora da moradia, os moradores relatavam sobre o auxílio que esperavam da Defesa Civil. No entanto, a presença deste profissional ocorreu em virtude das localidades coletadas, as quais possuem pontos em que a pesquisadora não poderia entrar sem a presença de uma pessoa que fosse conhecida pela população. Além disso, este profissional tinha o conhecimento de quais áreas foram interditadas pela Defesa Civil.

Existe uma carência de estudos no âmbito do apego ao lugar em situação de desastre natural. A presente pesquisa deu um importante passo no intuito de compreender as características deste fenômeno, principalmente quando a moradia está localizada em uma área de risco. No entanto, há necessidade da investigação de outros aspectos, como pesquisar estas características do apego em áreas com menor nível de risco, a fim de verificar se há diferença entre os resultados; pesquisar o apego à moradia atingida por outros tipos de desastres, como por exemplo a seca a fim de verificar as possíveis implicações ao apego ao lugar; e realizar estudos comparativos com pessoas que residem em área de risco e as que não residem nestas áreas, a fim de verificar e confrontar os resultados alcançados nesta pesquisa. Notou-se também que os participantes trouxeram relatos sobre sua percepção de risco, mas este aspecto não foi aprofundado nesta pesquisa em virtude dos objetivos. Desse modo, salienta-se a importância de pesquisar este fenômeno com base nos níveis de risco, a fim de investigar se há

diferença na percepção daqueles que residem em áreas diferentes, pois este estudo contribuiria para prevenir os desastres naturais.

Tendo como base os resultados alcançados nesta pesquisa, notou-se que o apego ao lugar é um fenômeno complexo e que necessita de estudos para compreendê-lo, principalmente quando este lugar é uma área considerada de risco para a população que nele reside. A ocorrência do desastre natural traz muitos impactos à população, notadamente àqueles que não possuem condições financeiras para morar em uma área que não seja considerada de risco e/ou de invasão.

Salienta-se que a política municipal contempla apenas um programa habitacional para aqueles que residem nestas áreas, o chamado Aluguel Social, no qual a Prefeitura contribui com até R\$ 600,00 para o aluguel da casa durante um período de seis meses. Porém, isto não garante a casa própria que os mesmos tanto batalharam para obter. Para tanto, torna-se evidente a necessidade da criação de programas habitacionais em âmbito municipal, estadual e federal para que, a partir disso, seja pensada a retirada da população das áreas de muito alto risco para outros locais com menor nível de risco. Caso contrário, irão permanecer nesse local, já que para os mesmos é mais importante ter uma casa própria do que ficar pagando aluguel, de modo a colocar o risco como secundário em suas vidas.

Além disso, é necessário realizar um trabalho de educação cívica para a comunidade, que proporcione reflexão quanto aos seus direitos e deveres, quanto à capacidade de cogerirjunto com o Estado, por meio da criação de Políticas Públicas e da participação do Núcleo de Defesa Civil (NUDEC). Este núcleo auxilia a Coordenadoria Municipal de Defesa Civil (COMDEC) desde o planejamento até a execução das ações da Defesa Civil, de modo que os moradores poderiam experienciar e conhecer melhor o trabalho realizado pela Defesa Civil, para não colocar esses trabalhadores como responsáveis pela manutenção e cuidado das áreas de risco. Esta participação contribuiria para o acesso da comunidade às informações do Sistema Municipal da Defesa Civil; criação de espaços de discussão entre a comunidade e gestores; ações de segurança social e preservação ambiental; buscaria soluções dentro do próprio bairro para prevenir os desastres; prepararia a comunidade para situações de desastres; participaria do mapeamento das áreas de risco, de modo a ampliar a percepção de risco com base no conhecimento e experiência de outras áreas que são consideradas de risco; e, por fim, desenvolveria um canal de comunicação entre COMDEC e a comunidade.





## 7. REFERÊNCIAS

- Alencar, H., & Freire, F. (2007). O lugar da alteridade na psicologia ambiental. *Revista Mal-estar e Subjetividade* (2), 305-328.
- Alexander, D. (2003). Terrorism, Disasters and Security. *Journal of Prehospital and Disaster Medicine*.
- Alves, R. B., Lacerda, M., & Legal, E. (2012). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 12 (2).
- Amérigo, M. (1995). *Satisfacción Residencial. Um análisis psicológico de la vivienda y su entorno*. Madrid: Alianza.
- B, C., Morbey, H., Balogh, R., & Araoz, G. (2009). Flooded homes, broken bonds, the meaning of home, psychological processes and their impact on psychological health in a disaster. *Health & Place*, 15, 540–547.
- Bisól, C., & Tapia, A. (2012). A Psicologia e o Conceito de Risco: Estudos Publicados entre 1999 e 2010. *PSICO*, 43 (3), 309-316.
- Bonnes, M., & Secchiaroli, G. (1995). *Environmental Psychology, a psychosocial introduction*. Londres: Sage.
- Brasil. (1988). *Constituição Federal*. São Paulo: Saraiva.
- Brasil. (2001). *Lei nº 10257 de 10 de Julho de 2001*. Brasília.
- Brasil. (2003). *Lei nº 10406 de 10 de Janeiro de 2002. Código Civil*. São Paulo: Manole.
- Brasil. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Defesa Civil. (2007). *Política Nacional de Defesa Civil*. Brasília.
- Brasil. Ministério da Integração. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres. (2012). *Anuário Brasileiro de Desastres Naturais 2011*. Brasília: CENAD.
- Brasil. Ministério das Cidades. Instituto de Pesquisas Tecnológicas. (2007). *Mapeamento de riscos em encostas e margens de rios*. Brasília: Instituto de Pesquisas Tecnológicas.
- Brasil. Ministério do Planejamento. (02 de Dezembro de 2013). *Minha Casa, Minha Vida*. Fonte: <http://www.pac.gov.br/minha-casa-minha-vida/minha-casa-minha-vida>.

- Brasil.Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional da Defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. (2010). *Gestão de Riscos e de Desastres: Contribuições da Psicologia*. Florianópolis: CEPED.
- Brown, B. B., Perkins, D. D., & Brown, G. (2003). Place attachment in a revitalizing neighborhood: Individual and block levels of analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 23 (3), 259-271.
- Brown, G., Brown, B. B., & Perkins, D. D. (2004). ew housing as neighborhood revitalization: Place attachment and confidence among residents. *Environment and Behavior*, 36 (6), 749-775.
- Castro, M., Peixoto, M. N., & Rio, G. A. (2005). Riscos ambientais e geografia: conceituações, abordagens e escalas. *Anuário do Instituto de Geociências*, 28 (2), 11-30.
- Castro, S. D. (2000). Riesgos y peligros: una visión desde lá Geografía. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 60.
- Catarina, C. U. (2011). Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010. Florianópolis.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *RESOLUÇÃO CFP Nº 010/05. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília.
- Cordeiro, C. J. (2011). *Usucapião especial urbano coletivo: abordagem sobre o Estatuto da Cidade. Lei n. 10.257, de 10 de junho de 2001*. Belo Horizonte: Del Rey.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Defesa Civil.(2013). *Mapa de Indícios de Risco Geológico-Geotécnico Vila da Paz*.Fonte: <http://defesacivil.itajai.sc.gov.br/c/mapas>
- Denzin, N.K,& Lincoln,Y.S. (1994). *Handbook of qualitative research*.Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dias, M. (10 de Julho de 2012). *As chuvas de novembro de 2008 em Santa Catarina: um estudo de caso visando à melhoria do monitoramento e da previsão de eventos extremos*. Fonte: [http://www.ciram.com.br/GTC/downloads/NotaTecnica\\_SC.pdf](http://www.ciram.com.br/GTC/downloads/NotaTecnica_SC.pdf).

- Díaz, J., & Delgadillo, J. E. (2000). Salud psicosocial em desastres: de la teoría a la práxis. In: J. Díaz, & M. Ramírez, *Salud psicosocial nun desastre complejo: efecto del huracán Mitchen Nicaragua* (pp. 55-102). Nicaragua.
- Elali, G. A., & Medeiros, S. T. (2011). Apego ao lugar. In: S. Cavalcante, & G. Elali, *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- Esteves, C. (2011). Risco e vulnerabilidade socioambiental: aspectos conceituais. *Cad. IPARDES*, 1 (2), 62-79.
- Evans, G. (2005). The importance of the physical environment. *Psicologia USP*, 16 (1/2), 47-52.
- Favero, E., & Diesel, V. (2008). A seca enquanto um hazard e um desastre: uma revisão teórica. *Aletheia*, 27, 198-209.
- Felippe, M. L. (2010). Casa: uma poética da terceira pele. *Psicologia & Sociedade*, 22 (2), 299-308.
- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012a). Environmental care and place attachment: perspectives for sustainability in schools. *Psychology*, 3 (2).
- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012b). O apego ao lugar no contexto dos estudos. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609-617
- Francis, J., Johnston, M., Robertson, C., Glidewell, L., Entwistle, V., Eccles, M. P., et al. (2010). What is an adequate sample size? Operationalising data saturation for theory-based interview studies. *Psychology and health*, 25 (10), 1229-1245.
- Fried, M. (2000). Continuities and discontinuities of place . *Journal of Environmental Psychology*, 20, 193-205.
- Gans, H. (1962). *The urban villagers*. Nova Iorque: Free Press.
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: E. T. Tassara, E. P. Rabinovich, & M. C. Guedes, *Psicologia e ambiente* (pp. 89-106). São Paulo: Educ.
- Giuliani, M. V. (2004). Theory of attachment and place attachment. In: M. Bonnes, T. Lee, & M. & Bonaiuto, *Psychological theories forenvironmentalissues*. Aldershot: Ashgate.
- Giuliani, M., & Feldman, R. (1993). Place attachment in a developmental and cultural context. *Jornal of Environmental Psychology*, 13, 267-274.
- Góis, C. W. (2005). *Atividade e Consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire.
- Gonçalves, T. M. (2002). *O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma*

- abordagem psico-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma - SC*). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How Many Interviews Are Enough?: An Experiment with Data Saturation and Variability. *Field Methods*, 18 (59).
- Guiliani, V. F., & Barabotti, S. (2003). One attachment or more? . In: G. Moser, E. Pol, Y. Bernard, M. Bonnes, J. Corraliza, & M. Giuliani, *People, Place and Sustainability*. Paris: Hogrefe & Huber publishers.
- Gunther, H., Elali, G., & Pinheiro, J. (2004). *A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-ambiente: características, definições e implicações. Série: Textos de Psicologia Ambiental*. Brasília: UnB.
- Gustafson, P. (2001). Meanings of place: everyday experience and theoretical conceptualizations. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 05-16.
- How, I. W., M, P. H., Rivlin, . G., & Winkel, G. H. (2005). Homem Ambiental. In: *Série: Textos de Psicologia Ambiental*.
- Hambleton, R. (2005). Issues, designs and technical guidelines for adapting test into multiple languages and cultures. In: R. Hambleton, P. F. Merenda, & C. Spielberger, *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment* (pp. 03-38). Londres: LEA.
- Hernández, M. T., & Arias, A. Y. (2011). Aportes de la historia aplicada para el estudio de los desastres. El caso del huracán Juana en Costa Rica: 1988. *Revista de Historia Iberoamericana*, 4 (1), 92-115.
- Hidalgo, M. C., & Hernandez, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-181.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). *Censo demográfico: resultados preliminares- Itajaí*. Acesso em 01 de Julho de 2012, disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=420820>
- Jerônimo, R. N., & Gonçalves, T. M. (2008). O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 195-200.
- Jones, D. (1993). Environmental hazards in the 1990s: problems, paradigms and prospects. *Geography*, 78 (2), 161-165.

- Jorgensen, B. S., & Stedman, R. C. (2001). Sense of place as an attitude: lakeshore owners attitudes toward their properties. *Journal of Environmental Psychology, 21*, 233-248.
- Jungles, A. E., & Schadeck, R. (s/d). Desafios do mapeamento das áreas de risco. *Caderno percebendo riscos, prevenindo perdas*, 68-76.
- Kleine, S., & Baker, S. (2004). An integrative review of material possession attachment,. *Academy of Marketing Science Review, 1*, 1-35.
- Kuhnen, A. (2009). Meio Ambiente e vulnerabilidade. A percepção ambiental de risco e o comportamento humano. *Geografia, 18* (2), 37-52.
- Leme, L., Saccol, M., Barbosa, G., Ejnisman, B., Faloppa, F., & Cohen, M. (2010). Validação, reprodutibilidade, tradução e adaptação cultural da escala Athletic ShoulderOutcome Rating Scale para a língua portuguesa. *Revista Brasileira de Medicina, 67* (3).
- Lewicka, M. (2005). Ways to make people active: The role of place attachment, cultural capital, and neighborhoodties. *Journal of Environmental Psychology, 25*, 381-395.
- Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology, 30* (1), 35-51.
- Lima, D. M., & Bomfim, Z. A. (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico, 40* (4), 491-497.
- Low, S., & Altman, I. (1992). Place Attachment: a Conceptual Inquiry. In: S. Low, & I. Altman, *Place Attachment: Human Behavior and Environment-Advances in Theory and Research*. Nova York: Plenum Press.
- Lynch, K., & Rivlin, M. (1970). A walk around the block. In: H. Proshansky, W. Ittelson, & L. Rivlin, *Environmental psychology: man and his physical setting* (pp. 631-642). Nova York: Rinehartand Winston.
- Macedo, D., Oliveira, C. V., Günther, I. A., Alves, S. M., & Nobrega, T. (2008). .O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que Dizem os Idosos? *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24* (4), 441-449.

- Mais, I. L. (2003). *Projeto Marca D'Água– Bacia do Rio Itajaí, Santa Catarina, 2001*. Acesso em 16 de Julho de 2012, disponível em <http://www.macadagua.org.br/itajai.pdf>.
- Manzo, L. C. (2003). Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology, 23*, 47-61.
- Marandola E. Jr., & Hogan, D. J (2004). Natural hazards: O estudo geográfico dos riscos e perigos. *Ambiente e Sociedade, 7* (2), 95-110.
- Marney, A. (2012). *Exploring place attachment in rural Missouri*. Dissertação em Ciências Sociais, University of Missouri, Faculty of the Graduate School, Missouri.
- Martín, A., Hernández, B., & Ruiz, C. (2006). Influencia de las condiciones ambientales e nel apego y la identidad conel bairro. In: R. Martín, J. Berenger, & J. A. Corraliza, *Medio Ambiente, Bienestar Humano Y Responsabilidad Ecológica*. España: IX Congreso de Psicología Ambiental.
- Mattedi, M. A., & Butze, I. C. (2001). A relação entre o social e o natural nas abordagens de hazards e de desastres. *Ambient.Soc., 9*.
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. (3ª Edição ed.). (A. Carlos, Trad.)
- Mazumdar, S., & Mazumdar, S. (1999). Women's significant spaces: Religion, space and community. *Journal of Environmental Psychology, 19*, 159-170.
- Medeiros, S. T. (2005). *Um lugar para chamar de “meu”*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Psicologia, Natal, Rio Grande do Norte.
- Minayo, M. C. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC / ABRASCO.
- Minayo, M. C., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública, 9* (3), 239-262.
- Mishra, S., S, M., & Suar, D. (2010). Place attachment and flood preparedness. *Journal of Environmental Psychology, 30*, 187–197.
- Moore, R. L., & Graefe, A. R. (1994). Attachments to recreation settings: the case of rail-trail users. *Leisure Sciences, 16*, 17-31.

- Moser, G. (2005). Environmental psychology: competence and contours of a discipline-comments based on the contributions. *Psicologia USP, 16* (1/2), 279-294.
- Moser, G. (1998). Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia, 3* (1), 121-130.
- Muhr, T. (2004). *ATLAS/Ti the knowledge workbench. Quick tour for beginners*. Berlin: Scientific Software Development.
- Ornstein, S. W. (2005). Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. *Psicologia USP, 16* (1/2), 155-165.
- Pinheiro, J. Q. (2003). Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI: sustentável? In: O. H. Yamamoto, & V. V. Gouveia, *Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica* (pp. 279-313). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pisani, M. A. (2004). *Inundação em áreas urbanas*. Seminário de Planejamento e Gestão Urbana: prevenindo desastres, Coordenadoria Estadual de Defesa Civil (Cedec ) e Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo.
- Pol, E. (1993). *Environmental Psychology em Europe*. Architectural Psychology to Green Psychology Avebury: Aldershot.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology, 3*, 57-83.
- Purcell, T., Peron, E., & Berto, R. (2001). Why do preferences differ between scene types? *Environment and Behavior, 33*, 93-106.
- Ramos, L. C. (2012). *Usucapião Especial Urbana: Um princípio à função social da propriedade*. Portal de e-governo, inclusão digital e sociedade do conhecimento. Acesso em 01 de Dezembro de 2013, disponível em <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/usucapi%C3%A3o-especial-urbana-um-princ%C3%ADpio-%C3%A0>
- Rapoport, A. (1985). Thinking about home environments: a conceptual framework. In: I. Altman, & C. M. Werner, *Home Environments. Advances in theory and research*. New York: Plenum Press.
- Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Acesso em 2012 de Novembro de 16, disponível em <http://www.bioetica.ufrgs.br/res19696.htm>

- Richardson, R. J., Wanderley, J. C., Correia, L., & Peres, M. d. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Altas.
- Rivlin, L. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8 (2), 215-220.
- Rosel, N. (2003). Aging in place: Knowing where you are. *The International Journal of Aging and Human Development*, 57,77-90
- Ruiz, B. H., Villodres, M. C., & Vilela, L. D. (1998). Predictores de apego al lugar. In: J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares, & D. Prada, *Libro de comunicaciones* (pp. 39-45). Barcelona: Publicacions Barcelona.
- Saarinen, T. (1966). *Perception of the drought hazard on the Great Plains*. Chicago: Department of Geography, University of Chicago.
- Saile, D. G. (1985). The Ritual Establishment of Home. In: I. Altman, & C. M. Werner, *Home Environments*. New York: Plenum Press.
- Sampiere, R., Collado, C. F., & Lúcio, P. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3ª Edição ed.). São Paulo: McGraw-Hil.
- Sapir, D. G., Hoyois, P., & Below, R. (2013). *Annual Disaster Statistical Review 2012*. Centre for Research on the Epidemiology of Disasters (CRED).Institute of Health and Society (IRSS).Université catholique de Louvain – Brussels, Belgium.
- Sapir, D. G., Vos, F., Below, R., & Ponserre, S. (2012). *Annual Disaster Statistical Review 2011*. Centre for Research on the Epidemiology of Disasters (CRED).Institute of Health and Society (IRSS).Université catholique de Louvain – Brussels, Belgium.
- Semken, S., & Freeman C, B. (2008). Sense of Place in the Practice and Assessment of Place-Based Science Teaching. *Wiley Periodicals*, 92, 1042 – 1057.
- Siena, M. (2009). A vulnerabilidade social diante das tempestades: da vivência dos danos na moradia à condição de desalojados/desabrigados pelo recorte de gênero. In: N. Valencio, M. Siena, V. Marchezini, & J. C. Gonçalves, *Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil* (pp. 69-79). São Carlos: RiMa Editora.



- Speller, G. (2005). A importância da vinculação ao lugar. In: L. Soczka, *Contextos humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 133-167). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). Pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artemed.
- Tassara, E. T., & Rabinovich, E. P. (2003). Perspectivas da Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, 8 (2), 339-340.
- Tuan, Y. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place and identity process. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 205-220.
- Ujang, N. (2010). Place Attachment and Continuity of Urban Place Identity. *Asian Journal of Environment-Behaviour Studies*, 5, 61- 76.
- Umbelino, G. J. (2006). *Proposta metodológica para a avaliação da população residente em áreas de risco ambiental: o caso da bacia hidrográfica do Rio da Onça/MG*. Dissertação de mestrado em demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, CEDEPLAR, Belo Horizonte.
- Valencio, N. (2010). Desastres, Ordem Social e Planejamento em Defesa Civil: o contexto brasileiro. *Saúde Sociedade*, 19 (4), 748-762.
- Valencio, N., Prater, C., Campos, P., Trivelin, L. N., Siena, M., Evangelista, J. D., et al. (2004). A produção social do desastre: dimensões técnicas e político institucionais da vulnerabilidade das cidades brasileiras frente às chuvas. *Revista Teoria e Pesquisa*, 44-45, 67-115.
- Valera, S. (1996). Psicologia ambiental: bases teórica y epistemológica. In: L. Iniguez, & E. Pol, *Cognicion, representaci3n y apropiaci3n Del espacio* (pp. 1-14). Barcelona: Universidad de Barcelona Publicacions.
- Vargas, D. (2009). “Eu fui embora de lá, mas não fui”: a construção social da moradia de risco. In: N. Valencio, M. Siena, V. Marchezini, & J. C. Gonçalves, *Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil* (pp. 80-95). São Carlos: RiMa Editora.
- Venables, D., Pidgeon, N. F., Parkhil, I. K., Henwood, K. L., & Simmons, P. (2012). Living with nuclear power: sense of

- place, proximity, and risk perceptions in local host communities. *Journal of Environmental Psychology*, 32, 371-383.
- Veyret, Y. (2007). *Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente*. São Paulo: Contexto.
- Wiesenfeld, E. (2005). Environmental psychology and the diverse human realities. *Psicologia USP*, 16 (1/2), 53-69.
- Wiesenfeld, E. (1994). La evaluación residencial em edificios de interes social com diferentes alturas. In: C. d. Postgrado, *Contribuciones Iberoamericanas a la Psicología Ambiental*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- Williams, D. R., & Vaske, J. J. (2003). The measurement of place attachment: validity and generalizability of a psychometric approach. *Forest Science*, 49, 830-840.
- Williams, D. R., Patterson, M. E., Roggenbuck, J. W., & Watson, A. E. (1992). Beyond the commodity metaphor: Examining emotional and symbolic attachment to place. *Leisure Sciences*, 14, 29- 46.
- Wright, E. C., & Storr, V. H. (2009). There's no place like new orleans: sense of place and community recovery in the ninth ward after hurricane Katrina. *Journal of Urban Affairs*, 31 (5), 615-634.

**8. APÊNDICE****8.1. APÊNDICE 01****ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA ADAPTADA DE MEDEIROS (2005)**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Naturalidade (Cidade onde nasceu):  
\_\_\_\_\_Filhos: \_\_\_\_\_ Netos: \_\_\_\_\_ Tempo de residência na cidade:  
\_\_\_\_\_

Tempo que reside nessa moradia: \_\_\_\_\_

Em quantas casas já morou nessa cidade? ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) mais  
Por quem mudou-se das outras?  
\_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Situação da residência: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Emprestada

Tipo da casa: ( ) madeira ( ) alvenaria ( ) mista

Tem saneamento básico em sua casa (esgoto, água potável)?

( ) Sim ( ) Não

Já morou fora dessa cidade? ( ) Não ( ) Sim

Onde? \_\_\_\_\_

Quanto tempo? \_\_\_\_\_

Por que voltou? \_\_\_\_\_

Tem outros parentes que residem nessa cidade? ( ) Sim ( ) Não

1. Quando foi a primeira vez que você veio a essa cidade? Por que você veio?
2. Relate-me quando você veio morar nessa casa? Por que você veio?
3. Como adquiriu o terreno para construir a casa?
4. O que mais você gosta em sua casa?
5. Você é uma pessoa apegada a sua casa? O que fez você apegar-se ela?
6. Você está satisfeito morando nessa casa? Por quê?
7. Quais são as principais dificuldades que você encontra em morar nessa casa?
8. Já pensou em ir morar em outro lugar? Por quê?
9. Quais atividades que gosta de fazer quando está em casa?
10. O que faria você abandonar sua casa e ir morar em outro local?

11. Se você pudesse, você gostaria que alguma coisa mudasse em sua casa? Por quê?
12. Você já foi atingido por algum desastre natural nessa casa?
13. Você sabe o que significa área de risco?
14. Você sabia que sua casa é uma área considerada de risco?
15. Quais os motivos que levam você a permanecer em sua casa?
16. Que significado tem para você a sua casa?

## 8.2. APÊNDICE 02 TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO

### TIMBRE DA INSTITUIÇÃO

#### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “Lar Doce Lar”: apego ao lugar em área de risco diante de desastres naturais. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa em nome da Defesa Civil municipal e ressalto que informarei aos pesquisadores as áreas de risco que já foram mapeadas.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus participantes.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

---

Assinatura do responsável pela instituição

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Identificação do responsável pela  
instituição: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## 8.3. APÊNDICE 03

## TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PARTICIPANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Roberta Borghetti Alves, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>. Ariane Kuhnen. Esta pesquisa, que se intitula “Lar Doce Lar”: apego ao lugar em área de risco diante de desastres naturais, tem como objetivo compreender as características do apego à moradia localizada em área de risco. Sua participação acontecerá por meio do seu consentimento em responder um uma entrevista semiestruturada, a qual haverá gravação do áudio e essa será apagada após o término desse estudo. O seu nome, ou quaisquer dados que possam identificá-lo, não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo. Acredita-se que a pesquisa permitirá uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre seu apego a moradia que reside. Porém, visto que na entrevista semiestruturada serão abordadas algumas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o atendimento psicológico. A sua participação é absolutamente voluntária, não remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento. Você é livre para se recusar a dar resposta a qualquer questão durante as entrevistas, parar ou desistir da participação a qualquer momento. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Os resultados da presente pesquisa serão divulgados à instituição após a defesa da Dissertação, em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo,

solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu.....  
.....declaro através deste documento o meu consentimento em participar dessa pesquisa.

RG: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

Pesquisadora Responsável  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Ariane Kuhnen

E-mail: arianekuhnen@gmail.com

Pesquisadora  
Mestranda: Roberta Borghetti  
Alves

E-mail:  
rborghettialves@gmail.com